

A COMUNIDADE DAS NAÇÕES BRITÂNICAS ILUSTRADA

AUSTRÁLIA

COMISSÃO ORGANIZADORA DA EDIÇÃO
DOROTHY WELLESLEY HILDA MATHESON
WALTER JAMES TURNER

*

TRADUÇÃO DE A. C. CALLADO

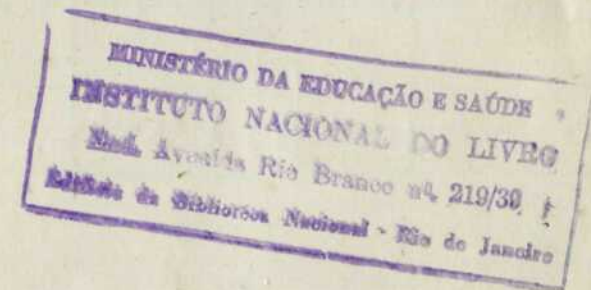
A Comissão Organizadora da Edição manifesta sua profunda gratidão a todos que bondosamente auxiliaram na escolha das ilustrações, e apresenta agradecimentos especiais aos funcionários dos diversos Museus, Bibliotecas e Galerias e a todas as outras pessoas que tiveram a generosidade de permitir a reprodução de quadros e gravuras.

AUSTRÁLIA

ARNOLD HASKELL

*Com doze gravuras em cores
e vinte e três
ilustrações em preto e branco*

919. k
4349 a



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
Rua do Ouvidor 110
Rio de Janeiro

IMPRESA NACIONAL
 Biblioteca do Serviço Social
 N.º 19h
 Data 25 / X / 94h.

EDIÇÃO DE ADPRINT, LONDRES
 IMPRESSA NA GRA-BRETANHA

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES
GRAVURAS EM CORES

- O PRIMITIVO LOCAL DA FUNDAÇÃO DE ADELAIDE
 De uma estampa, *circa* 1837
- DUAS VISTAS DE MELBOURNE
 De uma estampa dedicada a Sir Henry Barkly, Governador de Vitoria—1856-1863
- A FUNDAÇÃO DA AUSTRÁLIA
 Quadro a óleo de Algernon Talmadge
- O CAPITÃO COOK
 Quadro a óleo de Nathaniel Dance
- UMA ESTRADA EM VITORIA
 Aquarela de Hans Heysen
- VISTA DA CORDILHEIRA DANDENONG—OLINDA, VITORIA
 Quadro a óleo de Sir Arthur Streeton
- PAISAGEM DAS REDONDEZAS DE CANBERRA, NOVA GALES DO SUL
 Aquarela de Harold Herbert
- CENA NUMA FAZENDA AUSTRALIANA
 Quadro a óleo de Sir Arthur Streeton
- PAISAGEM DA AUSTRÁLIA CENTRAL
 Aquarela de Hans Heysen
- PAISAGEM EM MICHELAGO, NOVA GALES DO SUL
 Quadro a óleo de George Lambert
- SOLDADO DA CAVALARIA LIGEIRA AUSTRALIANA, 1914-1918
 Quadro a óleo de George Lambert
- ÁRVORES RESINOSAS
 Aquarela de Hans Heysen

ILUSTRAÇÕES EM PRETO E BRANCO

MAPA	pg. 8	UM DOS ÚLTIMOS GRANDES VELEIROS O <i>Pamir</i> , ao largo de Sydney	pg. 23
NAS MONTANHAS FLINDERS Austrália do Sul	pg. II	CARNEIROS DO FAMOSO CENTRO DE CRIAÇÃO DE SIR FREDERICK MCMASTER, EM DALKEITH Nova Gales do Sul	pg. 26
UMA CENA NA ESCOLA AGRÍCOLA DE HAWKES- BURY Nova Gales do Sul	pg. 15	MARCHA DOS FANTASMAS	pg. 29
CANGURUS PULANDO UMA CERCA Nova Gales do Sul	pg. 16	A CASA DO PARLAMENTO, EM CANBERRA Nova Gales do Sul	pg. 30
COLLINS STREET MELBOURNE Vitoria	pg. 19	ARTHUR PHILLIP, FUNDADOR DE SYDNEY Quadro a óleo de Francis Wheatley	pg. 31
os PÁSSAROS KOOKABURRA Vulgarmente conhecidos como O Burro que ri	pg. 20	CARTA ANTIGA, POR PETER GOOS Tipo de mapa que o Capitão Cook teria usado	pg. 33
URSOS KOALA Um filhote montado na mãe ursa	pg. 21		
VEGETAÇÃO AUSTRALIANA, Vitoria	pg. 22		

O VALE JAMIESON, NAS MONTANHAS AZUIS
Nova Gales do Sul pg. 35

JUNTA DE BOIS ATRAVESSANDO UM RIO—NO
FUNDO, o MONTE WARNING Costa Seten-
trional, Nova Gales do Sul pg. 36

A CÉLEBRE PONTE Porto de Sydney pg. 37

NAS MONTANHAS AZUIS Nova Gales do Sul
Pg. 39

CRIANÇAS ABORÍGENES BRINCANDO EM VOLTA
DE UM ABRIGO IMPROVISADO COM A CASCA
DE UMA ÁRVORE Queensland pg. 40
ABORÍGENE FISCANDO PEIXE Queensland
do Norte pg. 41
A CACHOEIRA RUSSELL, NO PARQUE NACIONAL
Tasmania pg. 43
PREPARAÇÃO DE FORRAGEM NUMA FAZENDA
Nova Gales do Sul pg. 45
SKI NAS MONTANHAS AZUIS, EM KOSCIUSCO
Nova Gales do Sul pg. 47

As ilustrações das páginas 11, 15, 17, 18, 21, 23, 26, 30, 36, 43, 45 f 47 foram reproduzidas por gentileza dos Associated Newspapers, Austrália, e do Imperial Institute, Londres; as das páginas 40 e 41, por gentileza do Imperial Institute, Londres; as das páginas 29, 35, 37, e 39, por gentileza de The Home; as das páginas 19 e 22, por gentileza da Australian National Travel Association; a da página 31 por gentileza dos Diretores do Galeria Nacional de Retratos; e a que se segue a página 32, por gentileza do Museu Nacional Marítimo; e das páginas 35, e 36, por gentileza do autor.

BREVE CRONOLOGIA HISTÓRICA

- 1642 Tasman descobre a Terra de Van Diemen.
- 1770 O Capitão Cook desembarca em Botany Bay.
- 1778 Fundação da Colônia de Nova Gales do Sul.
- 1791 Primeira concessão de terras na Austrália.
- 1793 Chegada dos primeiros colonos livres.
- 1796 John MacArthur introduz o carneiro Merino.
- 1797 Descobre-se carvão em Newcastle, Nova Gales do Sul.
- 1804 O General Collins desembarca em Risdon Cove, Terra de Van Diemen, depois de abortada uma tentativa para fundar o que viria a ser Vitória.
- 1813 Descoberta de um caminho através das Montanhas Azuis.
- 1825 A Terra de Van Diemen é proclamada colônia (nome mudado para Tasmânia em 1856)
- 1826 Proclamação oficial de um povoado em Brisbane.
- 1829 Fundação da Austrália Ocidental, Sturt descobre o rio Darling.
- 1830 Sturt atinge a embocadura do Murray.
- 1834 A família Henty desembarca em Portland.
- 1835 John Batman assina um tratado com os aborígenes em Port Phillip. Fawkner chega a Port Phillip.
- 1836 A Austrália do Sul é proclamada colônia. Mitchell descobre a *Austrália Felix*.
- 1840 Cessa o transporte de degredados para a Nova Gales do Sul.
- 1851 Descobre-se ouro em Vitória. Vitória proclamada colônia.
- 1852 O primeiro navio-correio, o *Chusan*, da Pacific & Oriental, chega a Sydney.
- 1859 Queensland é proclamada colônia.
- 1860 McDonald Stuart atinge o centro da Austrália.
- 1861 Primeira corrida de cavalos pela Taça Melbourne.
- O primeiro team de cricket inglês visita a Austrália.
- 1868 Cessa o transporte de degredados para a Austrália Ocidental.
- 1869 A abertura do Canal de Suez aproxima a Austrália da Inglaterra.
- 1884 O primeiro carregamento de carne congelada chega a Londres, de Brisbane.
- 1885 Chega à Inglaterra o primeiro carregamento de açúcar de Queensland.
- 1901 Federação das colônias.
- 1914 A Austrália em guerra com a Alemanha.
- 1939 A Austrália em guerra com a Alemanha.

PREFACIO

“AUSTRÁLIA, MINHA SEGUNDA PÁTRIA”

ANTES de desembarcar no vasto continente da Austrália, é natural que o leitor queira vistoriar as credenciais do escritor que se dispôs a mostrar-lhe o país. Minha primeira visita à Austrália foi feita por acaso, há quatro anos atrás. A ideia me aborrecia e fui sem a menor vontade. Mas, ao fim de poucas horas, estava apaixonado pela Austrália e resolvi logo ver quanto pudesse do país, conhecer lá o maior número de pessoas de todas as camadas sociais, estudar a sua história, ler a sua poesia, ver a sua pintura, deleitar-me com seus pratos e seus vinhos.

Desta primeira vez fiquei sete meses na Austrália e depois li muito sobre o meu tema. E mais tarde lá voltei. Tinha racionalizado meu amor e, com o conhecimento, ele havia aumentado.

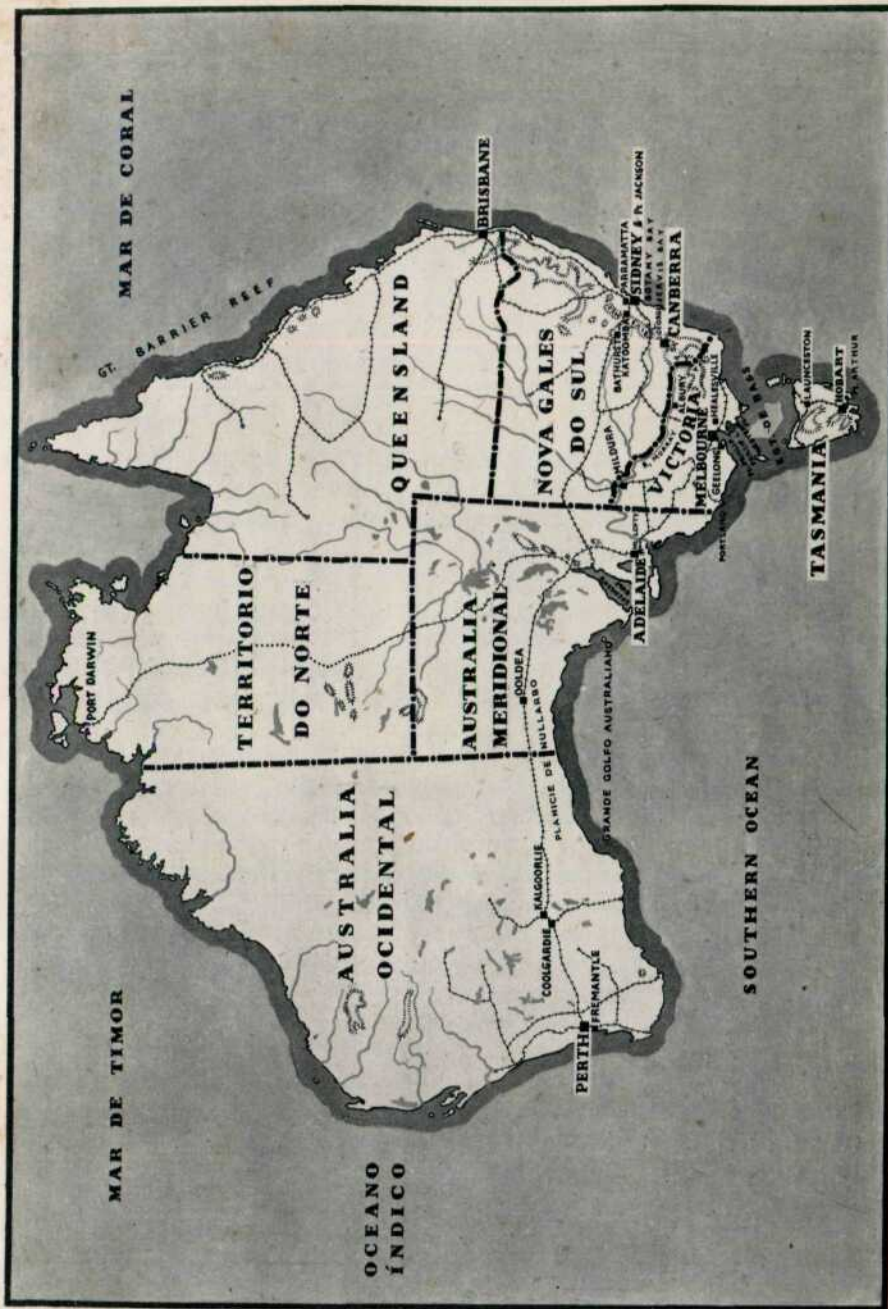
De regresso, escrevi *Waltzing Matilda*, um relatório muito pessoal dessas viagens—e até hoje tenho mais prazer em relê-lo do que em reler qualquer outra coisa escrita por mim. Tais são, portanto, as minhas qualificações: entusiasmo, sobre uma boa base de estudo. Um australiano de certo poderia apresentar estudo mais completo, mas diante de muitas cousas não se maravilhariam; e a capacidade de espanto é a própria essência de uma viagem.

Alem disso, um nacional correria o risco de ser arrastado por algum sentimento bairrista. Quanto a mim, tive apenas a intenção de fazer as pessoas julgarem por si mesmas. Este é um livro de sugestões.

Não posso ter a pretensão de dizer aos próprios australianos algo de novo sobre a sua terra, exceto isto—como aparece ela a um estrangeiro. Assim, não apresento desculpas por abordar assunto tão vasto como a Austrália, “minha segunda pátria.”

ARNOLD HASKELL

Bournemouth, maio de 1940



AUSTRALIA OCIDENTAL

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

TODA a historia australiana está ligada a travessias marítimas e é o próprio isolamento da Austrália que explica muitas das cousas que apontaremos. Os primeiros colonos só aportaram ali depois de vários meses de viagem árdua e, como mostra o diário de bordo, perigosa. Estamos mimados hoje em dia e resmungamos se a orquestra de bordo não toca as músicas em voga.

Para o visitante, a primeira impressão da Austrália será prejudicada pela viagem longa, preguiçosa, pontilhada de exóticos portos de escala que ficam para trás, num relâmpago, como se passassem num filme de tapete magico, e que, como os do filme, parecem igualmente longe da realidade. A Índia inteira torna-se um prato de "curry" e um encantador de serpentes; o Pacífico resume-se na praia de Waikiki. Se o visitante vem da Europa, seu primeiro porto australiano será Fremantle, na Austrália Ocidental. Sua impressão inicial será de desapontamento: "Fiz meio caminho da volta ao mundo. A última vez que pisei terra firme foi em Ceilão. Quanta cor, quanta vida, quanto brilho! E agora parece que estou de volta à Inglaterra e, o que é mais, num lugar que está longe de ser dos mais bonitos da Inglaterra." Tal é a impressão do recém-chegado, nos escritórios da alfândega, meia hora depois da rotina tediosa da inspeção de saúde, quando um médico displicente examina o passageiro fatigado, mal-humorado.

Fremantle é um porto como outro qualquer e os detalhes da sua acelerada atividade tornam-se ainda mais crus, pois são vistos debaixo de sol e não sob os diluidores nevoeiros da Inglaterra. Se o turista deixa o navio, a impressão desfavorável aumentará diante dos armazéns, fábricas, depósitos, cinemas, cafés e pequenas casas que se alinham ao longo das ruas, tal como se alinham na rua onde mora o turista. Os estivadores são muito semelhantes aos estivadores ingleses e usam quasi que a mesma linguagem. Um pouco mais desabrida, se há diferença, pois o australiano é mestre em linguagem forte. Só mais tarde, muito mais tarde, o visitante vai ver que, a despeito da grande semelhança com a Inglaterra, as diferenças são profundamente marcadas. Por enquanto, está ainda sob uma influencia muito forte de folhetos turísticos, estourando de exotismo, para mostrar interesse por um porto trabalhador como Fremantle e a vida de seus habitantes industriais e pacíficos.

A segunda impressão segue-se rapidamente, e mesmo sensacionalmente, à primeira. "Há meia hora, tudo parecia a minha própria terra e agora surge uma

vegetação que nunca imaginei pudesse existir assim, crescendo em árvores fantásticas e fechando-se em mato espesso, irradiando esta cor intensa."

A mudança do cansativo para o lindo ocorreu em meia hora de automóvel, de Fremantle para King's Park em Perth. É na primavera que se deve ver esta maravilha, quando a terra adquire vida através de flores selvagens, extraordinárias em forma, raríssimas em cor, e quando as árvores da goma, vermelhas, parecem em braza, cobertas de botões. Eis a mata australiana, domesticada é verdade, mas ainda bastante fantástica para fazer a gente acreditar em cada um daqueles 19.000 quilômetros assinalados por alfinetes, no mapa de bordo.

Aquí, pela primeira vez, a palavra Austrália assume um sentido para o viajante. Este poderá sentir-se fascinado ou repellido, certamente ficará desorientado. Nunca ficará indiferente. Não há ali nada da serenidade do campo inglês, nada que sugira uma natureza amiga e acolhedora. Nem a humidade verde e os cipoais intrincados da selva tropical. É uma cousa inteiramente diferente, uma extraordinária combinação do mais vivo e do mais sutil colorido, mesclando-se os vermelhos berrantes, os amarelos, os púrpuras, com todas as gradações do marron, preto e cinzento, indo do carvão vegetal à prata sombria do grafite. A mata é dominada pela árvore da goma—irregular, nodosa, a casca descolando e dependurando-se em farrapos, o tronco muitas vezes oco e rachado, só os rebentos novos mostrando que ali há seiva e vida. Por toda a parte veremos a árvore da goma, quer como um anão engelhado pela seca, quer como um gigante que espia por cima da floresta.

Parando aquí antes de visitar a cidade, somos levados a evocar a antiguidade da Austrália como um continente isolado. Este é o velho fundo contra o qual vamos ver os recentes esforços do homem para erguer sua casa, sua civilização. Da selva hostil o homem arranca suas cidades, luta por sua riqueza, encontra muitas das cousas que transformaram o inglês de ontem no australiano de hoje. A selva tem fornecido tema aos poetas, cor e forma aos pintores.

QUANDO SE SENTE O ESTRANGEIRO : UMA ATITUDE DE VIAGEM

O primeiro monumento australiano que aparece—e, como King's Park, explica varias cousas—é a Universidade da Austrália Ocidental, um magnífico edificio e um símbolo. O arquiteto tomou um modelo europeu, renascença italiana, e com raro tato adaptou-o ao cenário australiano. Na sala principal, usou como motivos decorativos os desenhos dos primitivos aborígenes, reconhecendo-lhes pela primeira vez a alta qualidade do trabalho original. O edificio, moderno, já adquiriu uma atmosfera própria. Criou raízes, integrando-se no solo como as árvores da goma, a flor do "waratah" e o vime nativo. E a Universidade é livre.

Uma instituição como esta atrairia a entusiástica atenção do pensador "avançado," se estivesse situada na Rússia. Seria considerada a última palavra no planejamento metódico de um novo mundo. E é o que ela é, em Perth, Austrália Ocidental. Mas, como já disse antes, o viajante deixou sua capacidade de visão *en route*, em algum bazar de imitações baratas, e o australiano ocidental, embora



NAS MONTANHAS FLINDERS
Austrália do Sul

orgulhoso do que possui, já deixou de se maravilhar. Todos os australianos, aliás, são maus cabotinos.

A única disposição de espírito que se pode adotar percorrendo a Austrália é a de expectativa, que adota o turista na Europa, ao travar conhecimento com os Estados experimentais focalizados pela propaganda. Continente algum contem mais surpresas do que a Austrália e, para o inglês, essas surpresas se ocultam sob uma atmosfera aparentemente familiar.

Nada pode desagradar mais ao inglês do que sentir-se um estrangeiro. E um inglês que não tenha temperamento curioso pode atravessar a Austrália de lado a lado sem essa desagradável sensação. Mas terá perdido os aspectos variados de uma cultura independente, resultado de um ambiente novo e de cento e cinquenta anos de historia própria. À medida que passarmos de Estado para Estado, compreenderemos que a colônia de ontem é uma nação e descobriremos a natureza dos elos que a ligam à mãe-patria.

De King's Park, vê-se Perth lá em baixo, em miniatura—uma clara cidade aninhada à margem do rio Swan—o rio Cisne—assim batizado pelos descobridores holandeses. Cada capital australiana tem suas características nitidamente definidas. Perth é uma serena cidade do campo. Seu centro urbano é o de uma imponente e febril metrópole moderna. Mas, em torno deste pequeno centro, estende-se uma cidade jardim, com suas casas alegres e pequenos jardins coloridos e bem cuidados. E claro que o centro metropolitano representa negócios e não prazer. O verdadeiro

centro de alegria e distração é o lar. Perth tem o seu teatro, mas poucas vezes aparecem por lá boas companhias, o que voltou a população para o cinema e para as representações dos amadores locais.

Essa agradável **cidadezinha**—e uso o diminutivo como **elogio**—é a capital do maior Estado da Austrália, que se estende do Grande Golfo Australiano até as proximidades do Mar de Timor, Estado que produz madeiras e **faisca** ouro e onde se cultiva o trigo e se pescam pérolas.

As estatísticas são muitas vezes **impressionantes**—e o são no caso desta cidade. A Austrália Ocidental tem uma **area** de 2.527.630 quilómetros quadrados e 460.161 habitantes, dos quais 50 por cento vivem em Perth. Os algarismos mostram que a cidade, como todas as cidades australianas, está super-povoada e que a Austrália Ocidental engatinha ainda. Revelam também o maior problema da Austrália—o da população. Mas, muitas vezes, embora estejam **dizendo** uma verdade em números, as estatísticas nos conduzem por falsos **caminhos**. É essencial conhecer a Austrália para compreender o problema.

A Austrália é muito despovoada, mas não ao ponto que sugere a relação entre as suas áreas e a sua população. Grande parte da terra é até agora inhabitável e nossa primeira viagem de trem mostrará que outras partes do território servem apenas como pasto em certas estações, de acordo com as chuvas. Emigração e **beneficiamento** da terra devem correr paralelos e o **beneficiamento** exige grande desembolso de capital. O trabalho do homem de cor criaria um problema muito mais serio, fazendo baixar todo o nível de vida e pondo em risco a democracia australiana. Só uma economia de tempo de paz pode resolver a questão. Como a de tantos outros, também a solução deste problema precisa ser adiada. Enquanto isso, cada homem que a Austrália oferece para o esforço de guerra representa um **sacrifício** real.

DIFICULDADES DE INICIO

Esse enorme Estado vive de certo modo isolado do resto da Austrália e muitos australianos que conhecem bem Bond Street e a Rue de la Paix terão passado no máximo algumas breves horas em Perth.

Os primeiros estágios da vida na Austrália Ocidental foram mais acidentados do que nos outros pontos colonizados. A região começou a ser aproveitada em 1829, às pressas, para prevenir uma possível invasão francesa, e os primeiros homens que lá chegaram curtiram um período de intoleráveis privações. Moveis luxuosos, trazidos de Londres na esperança de uma fácil vida colonial, começaram a bichar nas margens do Swan, enquanto seus donos arrastavam uma vida dura ou arrumavam a trouxa em busca dos Estados de leste. Só em 1885 começou a Austrália Ocidental a adquirir consciencia de si mesma, com a descoberta de ouro no "Quilómetro Áureo," em Kalgoorlie. Prospera hoje, mas, como Queensland, retém ainda uma atmosfera do tempo dos pioneiros, algo que ficou dos bandeirantes e que dá ao australiano ocidental vigor, independência de pensamento e vitalidade, que se revelam na sua fala e nas suas maneiras.



Per gentileza de Francis Edwards

O PRIMITIVO LOCAL DA FUNDACAO DE ADELAIDE
De uma estampa, circa 1837



DUAS VISTAS DE MELBOURNE

Por gentileza de W. J. Turner, Esq.

De uma estampa dedicada a Sir Henry Barkly, Governador de Vitoria — 1856-1863

AUSTRÁLIA DO SUL

O NOVO ANGLO-SAXONISMO

A SEGUNDA cidade a visitar é Adelaide, capital da Austrália do Sul. Sua distancia de Perth é a mesma que separa Londres de Constantinopla. E é bom ter isso em mente, quando se pergunta a um australiano de Adelaide, ao encontrá-lo por acaso em alguma parte do mundo, se conhece um certo Sr. Jones, que mora em Perth. Alias, notemos de passagem que há dez probabilidades contra uma de que o habitante de Adelaide conheça de fato o Sr. Jones, de Perth. Esta é uma das características da Austrália: seus espaços imensos e, ao mesmo tempo, a possibilidade de preservar uma espécie de atmosfera de clube.

E isto, que serve como demonstração da pródiga e tocante hospitalidade australiana, é a nossa primeira e última alusão a essa famosa hospitalidade em escala nacional. Famosa e verdadeira como é, essa hospitalidade costuma monopolizar as apreciações sobre a Austrália, dando a impressão de que a virtude principal— mais do que isto, a própria razão de ser do australiano—é a amabilidade para com o visitante estrangeiro. É simplista demais, como a filosofia dos cocktails de intelectuais viajados, onde se somam traços nacionais num dito: La France, l'amour; England, sport, etc. Os povos são muito complexos para rótulos e o australiano é tão complexo como qualquer outro. Mais, talvez, pois não está ainda perfeitamente articulado e não é dado a discussões sobre a Alma Australiana. Tem sua maneira de pensar característica, mas não a deixa transparecer quando o encontramos correndo mundo. Só se deixará conhecer gradualmente, lá na própria Austrália, debaixo do sol e contra o fundo da imensidão australiana.

Que são os australianos? Isso é bem mais simples de responder. São "o novo Anglo-Saxonismo," são aqueles homens intrépidos e empreendedores que se sentiam sufocados em casa. Uns poucos eram degredados, outros eram membros de boas famílias e outros eram aventureiros natos, que responderiam ao apelo da aventura, viesse do Klondyke, de Rand ou de Bendigo. Iam todos para trabalhar como mouros, ou desaparecer na terra nova, tomar iniciativas ou submergir. E deixavam para trás as facilidades e refinamentos do velho continente, para viver na solidão, lutar contra a natureza e percorrer vastas extensões. Sempre sabiam mais e empreendiam mais do que o governo inglês. A Austrália, fundada quasi que num acesso de distração, requeria dos homens que lá viviam qualidades excepcionais para fazê-la vingar.

E os homens desbravaram, prosperaram, ou de qualquer maneira organizaram um meio de vida, e estabeleceram-se para desfrutar a terra que em duas gerações

se transformara em sua terra natal. Tinham vastos espaços a conquistar e o ambiente era propício à reflexão. Não estavam dispostos a aceitar ideias feitas. Iam dissecar a tradição, separar o trigo do joio e utilizar exatamente o que queriam. Afinal, tiveram tranquilidade de espírito e vagar para sentir a necessidade de auto-expressão artística. A democracia australiana é o resultado da mais gigantesca experiência acidental da história.

UM DESERTO—A MANEIRA AUSTRALIANA

Pode-se chegar a Adelaide de navio, através do grande e famoso Golfo Australiano, ou por estrada de ferro.

Os trens são confortáveis, embora não sejam luxuosos, no sentido americano da palavra. A rota é extraordinária, verdadeira jornada de exploração, através de um misterioso deserto—a Planície de Nullarbor. Passamos primeiro pelas famosas cidades auríferas de Coolgardie e Kalgoorlie. Hoje, são consideradas no seu devido valor, mas ainda ontem esse imenso valor era problemático. Não havia água. Deitar os canos adutores foi uma epopeia na história da Austrália Ocidental, pois nesse continente, onde os rebanhos invadiam os campos como exércitos de ocupação, pacíficas conquistas fazem história. Em seguida, o trem atravessa uma região de árvores enfezadas, doentias, e penetra no deserto da Planície de Nullarbor, que antigamente era mar e fazia parte do Golfo. É um deserto, mas ao jeito australiano. Terra sedenta, mas num ano de boa chuarada cobre-se de flores e de pasto. O deserto pode virar jardim da noite para o dia, permanecer jardim durante um ano, alimentando milhares de ovelhas, e de repente tornar-se deserto outra vez. As planícies que atravessamos agora ainda não figuram em detalhe no mapa. Para o norte, vamos encontrar a região do negro, um paraíso para o antropólogo, o geólogo, o naturalista. Ooldea, a última estação antes da planície, a última reserva natural de água, foi em tempos imemoriais o ponto de reunião das tribus auctoctones. Hoje, cerca de meia dúzia de miseráveis espécimes das raças desaparecidas cercam o trem, pedindo fumo e niqueis. Tudo que deixaram essas raças, para assinalar-lhes a passagem, foi uma série de pitorescos nomes de lugar.

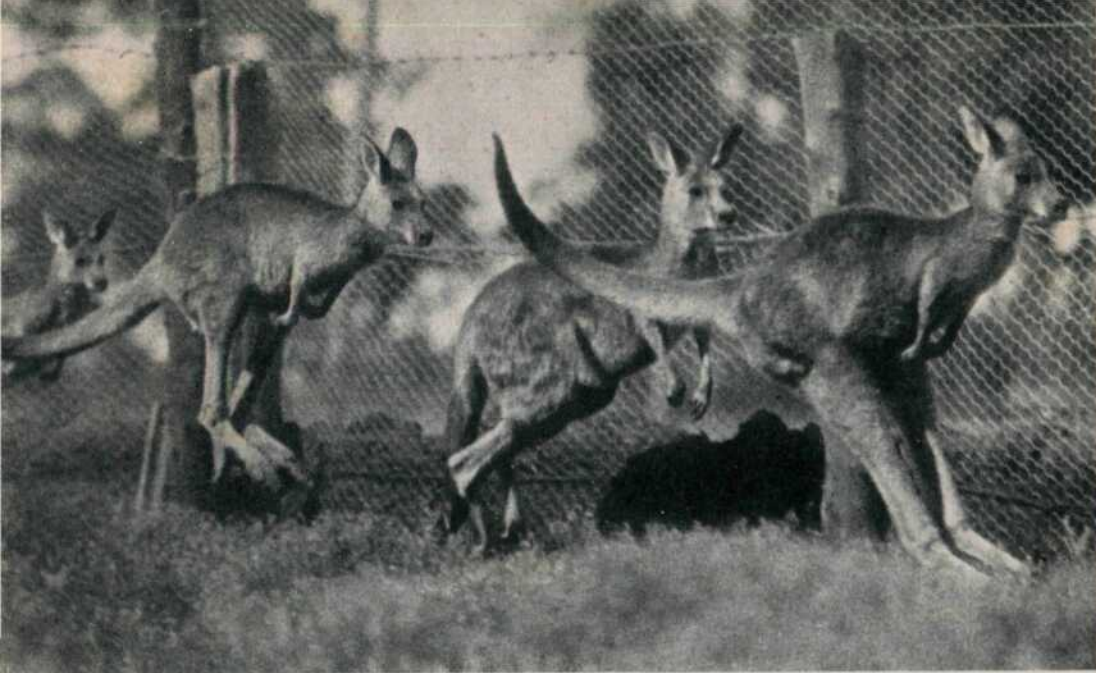
Do solo ardente brota uma alegre flor vermelha, uma ervilhazinha de cheiro do deserto chamada Sturt, em homenagem a Charles Sturt, pai do bandeirismo australiano. E não poderia haver melhor monumento. Durante toda a viagem, vê-se que, na Austrália, o explorador é a figura principal. Os colonizadores apenas lhe seguiram os passos, ou, inconscientemente, foram também exploradores.

À medida que o trem vai resfolegando para a frente, vêm-se vastos e cintilantes lagos, como uma promessa refrigerante. São apenas lençóis de sal: a água evaporou-se ou foi sugada por algum vasto mar subterrâneo. O sol forte se põe sobre estas planícies com um esplendor de sonho.

Dorme-se duas noites no trem e as horas correm como se estivéssemos fora do mundo, como se estivéssemos num navio em alto mar. É uma sensação gostosa entrar numa cidade outra vez.



UMA CENA NA ESCOLA AGRÍCOLA DE HAWKESBURY
Nova Gales do Sul



CANGURÚS PULANDO UMA CERCA
Nova Gales do Sul

A CIDADE DE LIGHT

Em Adelaide, sente-se logo uma cidade amiga, aninhada ao pé das colinas Lofty. É uma cidade pequena, mas concebida em grande escala, de modo que é uma surpresa descobrir o campo ao fim de cada rua. O Coronel Light, autor do primitivo plano da cidade que tomou seu nome foi incompreendido durante toda a sua existência, mas era um homem do futuro. Impossível imaginar uma cidade com melhores pulmões. Há em Adelaide uma atmosfera de prosperidade sem ostentação e um senso de proporção de valores. Como Haia, é uma grande aldeia e contenta-se em ser uma grande aldeia. Nunca senti ambiente mais tranquilo e mais harmonioso.

Adelaide não conheceu colônias de degredados, nem a febre do ouro. Seus fundadores foram homens de princípios, com interesses pastoris. Em 1836, dispuseram-se a estabelecer um Estado segundo os ideais de Edward Gibbon Wakefield: a aquisição de terras para subsidiar o trabalho de colonos livres. Na prática, esse princípio não produziu bons resultados e, nos primeiros anos, todos sofreram privações e dificuldades. Mas a terra era boa e bons eram os colonos. Foi em relação a eles que um explorador, o Governador Grey, cunhou a expressão "O Novo Anglo-Saxonismo." Mas a Austrália do Sul foi também feliz com os seus colonos alemães, homens da Moravia, que haviam fugido à perseguição religiosa na Alemanha. Nota-se a sua influência em muitas aldeias bem cuidadas, que cercam Adelaide, e nas vinhas que ali se cultivam.

O vinho da Austrália só é conhecido do resto do mundo através de uma empresa comercial que vende uma certa marca por atacado. Entre os Estados australianos, só na Austrália do Sul é que se aprecia o bom vinho e os conhecedores sabem que as boas safras australianas mereceriam aproveitamento muito melhor do que têm tido. Quando o vinho australiano deixar a fase imitativa, adotar nomes australianos e procurar preservar as características australianas, passará a ser apreciado no seu devido valor pelos entendidos. Além do mais, a situação atual das vinhas europeias, de ambos os lados do Reno, representará uma oportunidade única para a indústria vinícola da Austrália.

Como em Perth, o lar é o centro da vida de Adelaide. Há pouca atividade teatral, mas o povo se mostra ansioso por artistas em carne e osso. A Universidade está começando a interessar-se pelo teatro e parece que, como na América, virá salvar o teatro australiano. Em Adelaide, já se sente claramente a influência da Universidade.

O museu é interessantíssimo, não só pelos quadros como pela sua grande coleção etnográfica.

Há uma curiosa e proveitosa fonte de estudo no infeliz aborígene como artista. Já vimos o excelente aproveitamento de temas nativos, no salão principal da Universidade da Austrália Ocidental. Os franceses mostraram o valor da arte nativa na exploração às vezes exageradamente comercializada da arte mais requintada do Gabun. A América também reconheceu o valor da arte primitiva. A Austrália, de um modo geral, ainda não descobriu as suas reservas de informações e a maioria dos antropólogos têm estudado o aborígene australiano apenas do ponto de vista da organização social e do totemismo. É duvidoso que o nativo tenha adornado suas armas e utensílios para satisfazer um desejo artístico, mas nem por isso se pode rejeitar a possibilidade de um impulso estético. Seu objetivo seria, por certo, dar às armas algum poder secreto, mas que dizer dos seus desenhos em casca de árvore e dos seus entalhes em madeira e pedra, notáveis pela forma e colorido? O desgraçado negro ainda pode oferecer uma contribuição de valor à cultura australiana, e uma contribuição exclusivamente australiana.

o IDIOMA

Outra coisa exclusivamente australiana é o sotaque carregado que não é "Cockney"—o sotaque do londrino inculto—embora muitos imaginem descobrir uma certa semelhança entre os dois. É misteriosa a origem desse inglês característico. Varia muito levemente através de todo o continente, não dependendo da posição ou cultura de quem fala. Os primeiros colonos foram para a Austrália, de todas as partes do Reino Unido. De onde virá então a maneira tão diferente de falar do australiano? "Dos pioneiros," disse-me um amigo australiano. "A solidão faz o homem descuidado e o falar australiano exige um mínimo de esforço."

Isto é apenas uma teoria. Mas não há a menor dúvida de que, em cento e cinquenta anos, formou-se um idioma distinto, que nada tem do inglês inculto. Gente de língua inglesa por todo o mundo imagina conhecer pelo menos uma coisa da Austrália—o “Cockney”—esse “Cockney” que não é absolutamente “Cockney”—e o australiano tem o direito de ressentir-se das referências que se fazem à sua língua, com um ar superior.

FUGA PARA O CAMPO

Adelaide é uma cidade de que se pode facilmente fugir. Cada rua vai dar no campo e as belas colinas Lofty, verdes na primavera e cobertas de botões em flor, são o centro de recreio da cidade. Cenário perfeito para um piquenique australiano, no qual é essencial a “marmita,” que tanto pode ser adquirida numa loja elegante como ser feita de uma lata de querosene, peça indispensável do mobiliário australiano.

Suspende-se a lata sobre um cheiroso fogo de folhas de eucalipto e o chá forte ferve e borbulha. Tem um gosto diferente de qualquer outro chá, creio mesmo que não tem absolutamente gosto de chá, mas é uma bebida e tanto, e a “marmita” é um símbolo do campo australiano. A parte sólida do piquenique consiste de salchichas grelhadas* sobre um fogo de eucalipto, ou de costeletas de carneiro cozidas na própria gordura, numa grelha que pode ser improvisada com um pedaço de arame. O australiano gosta de carne—a maior quantidade possível, o maior número de vezes por dia.

Faz calor, não um calor enervante, mas resplandecente. O verde da primavera já em declínio cede lugar às manchas do marron e do amarelo; os pássaros descançam. Só a cigarra arranha o ar com seu canto metálico. O homem da cidade estende-se no chão e adormece. Ao acordar, o sol não está mais a pino e uma vida nova apareceu em torno. Soam à distancia os pequenos sinos do gado, cantam os passarinhos e, subitamente, tudo é interrompido por uma álcree tagarelice alada, a dos papagaios que passam em coloridos bandos e que, com a dissonante conversa de gritos estridentes, chamam a atenção para a sua beleza. Todos os sugadores de mel da mata entram e saem das corolas. De repente, um verdadeiro ataque de riso histérico que fica ressoando no ar: é o palhaço-mor, o “Kookaburra,” que sente a chegada da noite. Não há crepúsculo. Uma súbita fusão de cores e tudo está escuro.

As estrelas descem até quasi tocarem as árvores. O calor do dia fez com que ficasse pairando um cheiro de goma aromática e a brisa da noitinha passa de leve pelas folhas e sacode a casca emaranhada que pendê das árvores.



COLLINS STREET—MELBOURNE
Vitoria

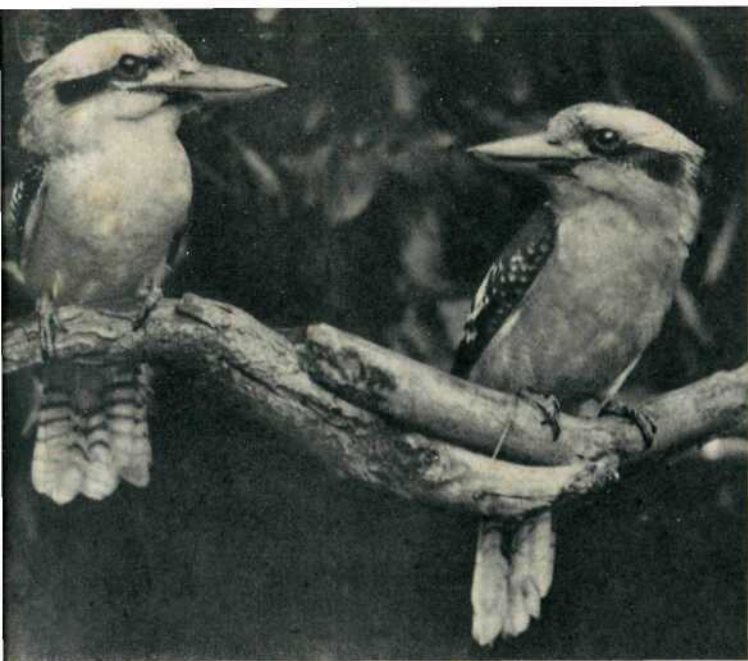
VITORIA

MELBOURNE

QUB vários aspectos, Melbourne é, das cidades australianas, a mais difícil de descrever e a mais difícil de conhecer. Nas descrições comuns de viagem, geralmente se explora—e eu mesmo já cometi o pecado—a rivalidade entre Melbourne e Sydney; diz-se que Melbourne é inglesa e Sydney americana. Afirmção insatisfatória e falsa. A diferença em aparência e espírito é muito maior do que supõe o observador em trânsito; talvez se possa encontrar sua origem na historia.

Melbourne é uma grande e imponente capital. O seu nome evoca para mim velhas virtudes cívicas. É uma bela cidade; sua artéria principal, Collins Street, é um dos mais lindos boulevards do mundo. Vamos também encontrar uma beleza mais íntima, um pitoresco que pertence ao velho mundo e que torna difícil acreditar que estamos numa cidade inteiramente moderna.

Por trás das vias principais, Collins Street, Bourke Street, há ruelas estreitas e encantadoras, e nos distritos mais pobres há quarteirões inteiros que poderiam ter sido transportados para lá da Londres de outros tempos, iluminada a gaz. A noite, Melbourne ainda é mais surpreendente; vista da ponte que quasi roça o Yarra, a cidade tem sucessivamente lampejos de Londres, de Paris, de Chicago.



os PÁSSAROS KOOKABURRA
Vulgarmente conhecidos como C Burro que ri

Aqueles pioneiros construíam solidamente, para o futuro. O Melbourne Club, por exemplo, foi plantado na aldeia de Batman para esperar que a aldeia crescesse em volta dele até se tornar uma cidade.

As residências também, nos prósperos subúrbios, são empregos de capital garantidos, magnificamente construídas e conservadas.

Talvez haja uma certa verdade no clichê, talvez Melbourne seja mesmo inglesa, mas não é nem da Inglaterra de hoje nem da de ontem—de uma Inglaterra que so teria sido possível sem a influencia

dos negócios continentais. O clima de Melbourne também se assemelha ao da Inglaterra, o que terá contribuído para lhe preservar o caráter original.

CARNAVALHÍPICO

Melbourne tem teatros e hotéis, mas pouca vida noturna e nenhum cosmopolitismo, a não ser alguns restaurantes italianos e chineses. Só durante uma semana de cada ano é que Melbourne encontra tempo para ser frívola, entregando-se inteiramente ao carnaval da Semana da Taça. Toda a Austrália vai para Melbourne de aeroplano, ou trem, por mar ou pelas estradas.

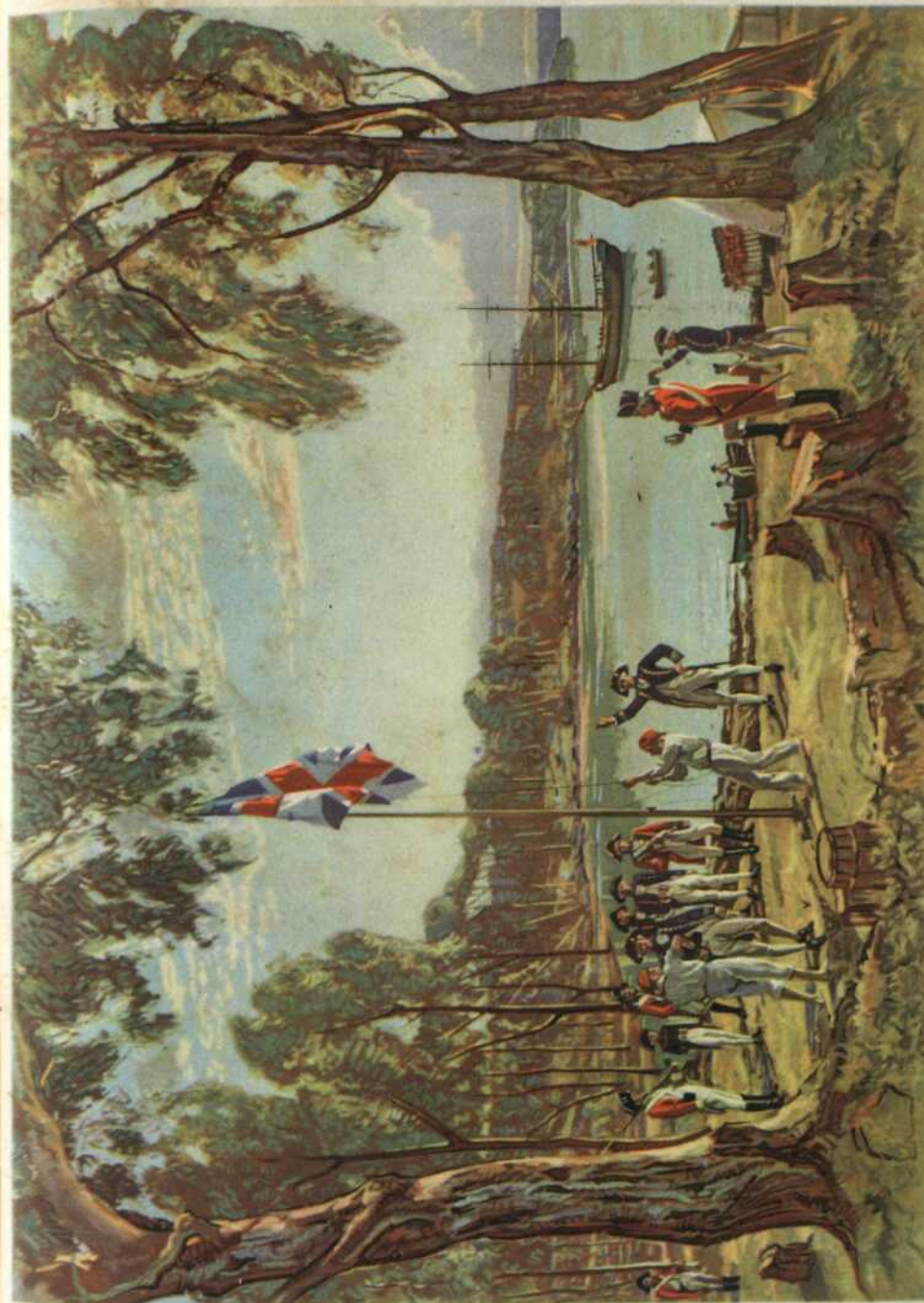
O Prado de Flemington está apenas a vinte minutos do centro e o espetáculo não é tão exclusivo como o de Ascot, nem a confusão louca do Derby—é uma combinação hábil das duas cousas. O gramado brilha com mil flores; chega o Governador, acompanhado por um verdadeiro séquito; a banda toca o hino.

Depois das corridas os cocktails, depois dos cocktails os jantares, depois dos jantares os bailes no Palácio do Governo, no Australian Club e na cidade inteira.

Reminiscências também da Inglaterra de ontem, quando no dia do Derby se fechava o Parlamento.

BICHOS QUE NOÉ ESQUECEU

Como Adelaide, Melbourne tem o campo bem perto. Leva-se, porém, mais tempo para chegar até lá, por entre lojas, casas de residência e cinemas, que se espreguiam e espalham pelas imediações.



Por gentileza de D. Hope Johnston, Esq.,
e da Sociedade Médica

A FUNDACAO DA AUSTRALIA
Quadro a óleo de Algernon Talmadge



O CAPITÃO COOK
Quadro a óleo de Nathaniel Dance

*Por gentileza dos Diretores da
Museu Marítimo Nacional*

Há uma enorme variedade de pássaros na cadeia de montanhas Dandenong, cujo cenário primitivo só se encontra na Austrália. Ninguém deve deixar de ir ao paraíso dos animais, que é Healesville. "Os bichos que .Noé esqueceu" vivem ali, com uma liberdade que não teriam num jardim zoológico, sob as vistas de um tratador, David Fleay, para quem são quasi criaturas humanas. Encontram-se em Healesville todos os espécimes da fauna australiana, desde a nobre águia de cauda cuneiforme, mansa como um canário, até a mais minúscula das cobras.

Wenda, espécie de ursinha, **fuça** a roupa do visitante como um cachorro e pede um biscoito para o chá, enquanto cangurus de todos os tipos passeiam em torno, dando de vez em quando um coice, para se fazerem lembrados. A estrela da coleção é o ornitorinco, monstro estranho, com bico de pato e pelo cheio, ser semi-aquático, que põe ovos e amamenta os filhotes.

Nas barras de um grande viveiro, os papagaios que vivem em liberdade se reúnem para conversar com os cativos, que formam uma grande massa escarlate dentro da gaiola.

Há de tudo em Healesville, até mesmo remanescentes de espécies quasi desaparecidas, como o gato marsupial. Naturalmente, é preciso paciência e sorte para ver os animais que vivem soltos.

Há grande variedade de cangurus e muitas vezes os faróis do automóvel caem à noite sobre um deles. Quando o terreno se torna mais agreste, encontra-se também a ema. À noite, os olhos de conta do "possum" parecem vagalumes nas árvores e muito camponês tem o sono perturbado pelas suas excursões ruidosas nos telhados de zinco.

Em certos distritos, é comum encontrar cobras venenosas, mas são raros os casos fatais. O bicho que mais se vê é a "goanna," espécie de lagarto de um metro e setenta de comprimento, metido numa pele grossa e mal assentada, e que se serve das garras para subir pelas árvores.

Para ver a maior raridade, o bicho de cartão postal da Austrália, o urso Koala, a melhor cousa a fazer é ir ao seu refugio, em Philip Island, a uma manhã de viagem de Melbourne. Alem de ser uma espécie de fenómeno biológico, o Koala parece



URSOS KOALA
Um filhote montado na mamãe ursa



VEGETAÇÃO AUSTRALIANA
Vitoria

um ursinho de brinquedo, capaz de despertar instintos maternos no mais empedernido dos caçadores. Depois de matá-lo aos milhões, para aproveitar uma pele sem grande valor, a Austrália abriu os olhos à preciosidade que tinha. Hoje, o ursinho figura em desenhos e cartões postais, adorna bolsas e brinquedos, até chegar à dignidade de criação de Walt Disney, o que aliás parece, mesmo na realidade.

UM EMPREENDIMENTO TÍPICAMENTE AUSTRALIANO

Não tenho a intenção de enveredar pela história das várias colônias, ou da própria Austrália, mas é impossível resistir à tentação de traçar um rápido esboço da fundação de Vitoria. É talvez o mais grandioso aspecto de toda a história da Austrália, diferindo em quasi tudo da fundação das outras colônias e constituindo um empreendimento tipicamente australiano. Entretanto, como quasi todas as colônias britânicas, surgiu como um rebento espontâneo, imposta pelos próprios colonos à política declarada do Governo.

Em 1835, Melbourne estava assinalada no mapa de Batman como "lugar para uma aldeia"; dezesseis anos mais tarde, Vitoria florescia como colônia independente, com 80.000 habitantes, dos quais cerca de um terço vivia na capital.

A parte oriental da costa foi primeiro avistada em 1797 por George Bass, numa expedição levada a efeito em navios mal aparelhados, mas que alterou o mapa da Austrália, provando que a Terra de Van Diemen era uma ilha. Em 1802, o Gover-



UM DOS ÚLTIMOS GRANDES VELEIROS
O Pamir, ao largo de Sydney

nador **King** enviou o Tenente Murray, da Marinha Britânica, no *Lady Nelson*, para preencher algumas lacunas deixadas nas descobertas do Capitão Grant. Em janeiro de 1802, Murray descobriu um grande ancoradouro que, como era de praxe, chamou de **Port King**. Mas King mudou o nome para o de seu amigo e protetor, o primeiro Governador e fundador da Austrália, Phillip.

"A costa meridional deste magnífico porto é em geral acidentada e coberta de uma variedade de árvores vigorosas, ao contrário de toda a região de Western Port, onde a vegetação é rasteira. É um lugar de beleza extraordinária."

Esse entusiástico relatório levou o Governador a fundar uma colônia na região, uma colônia de forçados, segundo a política em voga. A direção dessa colônia foi confiada a David Collins, com poderes amplos e discricionários. Infelizmente, Collins estava muito longe de parecer-se com Phillip. Embora o Yarra já tivesse sido explorado, Collins, com instinto de marujo, apegou-se à praia. "Como era muito importante que a colônia oferecesse fácil acesso à navegação, as costas do porto foram as primeiras a ser exploradas." Verificou-se que não havia água potável.

O Tenente Tuckey, que acompanhava a expedição, escreveu profeticamente: ". . . Quando confrontei os poderes, o engenho e os recursos do homem civilizado com a fraqueza, a ignorância e as deficiências do selvagem que ele veio desapropriar, compreendi o poder da inteligência humana e senti-me feliz pela pequena parte que me cabia. Essas reflexões naturalmente me levaram a contemplar futuras possibilidades. Entrevi uma segunda Roma surgindo de uma aglomeração de bandidos."

Os degredados vinham em companhia de suas mulheres e seus filhos e entre estes havia um moleque londrino de onze anos, John Pascoe Fawcner. Trinta e dois anos mais tarde, o moleque iria representar um papel central na criação daquela *segunda Roma*. E não era o único do bando que figuraria no segundo capítulo. John Buckley, um condenado que parecia um gigante, fugiu com seis companheiros, numa louca tentativa para chegar a Sydney. Os outros falharam, mas Buckley desapareceu na mata, de onde emergiria trinta e dois anos depois, num momento em que podia ser útil. Com o desastre da colônia de Collins, foi abandonada por muito tempo qualquer ideia de ocupar o distrito de Port Phillip. Mas, onde os governos são apáticos, as populações pastoris procuram novas pastagens para os rebanhos dizimados pelas secas.

Em 1815, Hamilton Hume, filho das selvas, cujos segredos conhecia, e explorador-nato, encontrou novas pastagens no distrito de Berrima. Alguns anos mais tarde, descobriu as Planícies de Yass, onde hoje se produz uma lã magnífica. O Governo estava parado, mas as ovelhas famintas iam abrindo caminho pelo novo distrito e afastando-se do núcleo primitivo, em busca de pastos.

Em 1824, Hume, associado a Alexander Hovell, fez a sua exploração mais famosa, sob os auspícios do Governador Brisbane, mas à sua própria custa. Aliás, devemos ser justos. O Governo sempre prestou algum auxílio: deu seis arreios, uma barraca, seis oleados, um terno de roupa ordinária para cada homem, dois esboços de mapa, nos quais devia ser traçada uma rota, e uma autorização para

que Hume escolhesse 1.200 acres de terra, ordem essa que mais tarde ele teve grande dificuldade em ver confirmada. Com isso, o Governo lucrava alguns milhões de acres de novos territórios, sem despesa e sem sacrifício.

Os exploradores partiram do Lago George, tendo o Golfo de Spencer como objetivo. Vê-se agora pelos mapas que a região era praticamente impenetrável, devido às montanhas. Só um grande explorador poderia vencer as imprevisíveis dificuldades; e Hume era um grande explorador. No dia 8 de novembro, no começo do verão australiano, foi compensado por um espetáculo extraordinário. Ao subir uma montanha, para observar a disposição do terreno, deparou com picos e mais picos de montanhas grisalhas de neve—os Alpes Australianos, centro dos esportes de inverno de hoje. Mas, infelizmente, os cálculos de seu companheiro Hovell estavam errados por um grau para leste do ponto terminal, o que os levou a pensar que haviam atingido Western Port, quando estavam perto da atual cidade de Geelong.

Durante muitos anos os dois exploradores foram grandes antagonistas e a sua disputa deu origem a inúmeros livros. A pesar do erro dessa questão, que talvez tenha atrasado de alguns anos a verdadeira colônia, a expedição foi de grande valor, uma vez que a entusiástica descrição de ambos não se podia aplicar ao árido Western Port. Os exploradores haviam cruzado numerosos rios—o Goulbourn, o Ovens, o Mitta Mitta e o Hume, que na realidade era um trecho do Murray (rio que deveria ter o nome de Hume ou o de Sturt, mas nunca o de um obscuro ministro) e corria para oeste e noroeste, o que fez pensar que deveria desaguar em algum grande rio e levou Sturt à notável descoberta do Murray. Mais tarde, a trilha de Hume deveria transformar-se na principal estrada de Sydney para Melbourne e apontar aos pastores e aos rebanhos famintos a direção de verdes pastagens.

Em 1826, as preocupações habituais em torno das intenções dos franceses, acrescidas do entusiástico relato de Hume, levaram o Governador Darling a fundar um povoado em Western Port, que Hume não visitara. Mas a iniciativa foi abandonada dois anos mais tarde, quando mais uma vez se desvaneceram os receios do papão francês.

John Batman, colega de escola de Hume, em Parramatta, e então cidadão influente de Launceston, havia voltado suas vistas para o continente australiano. O seu passado já revelava um homem destemido e ambicioso. Já capturara sozinho vários bandoleiros da mata, entre os quais Jefferies, Hopkins e o famoso Matthew Brady, que muitas vezes se distinguiu por seus gestos cavalheirescos.

Conta-se que Batman foi ao seu encontro, nas montanhas, e intimou-o a render-se. "Estou falando com um oficial?" perguntou Brady, levantando friamente a espingarda. "Não sou soldado. Sou John Batman. Se você não abaixar essa espingarda, atiro. Você está perdido." "Parece que tem razão," disse Brady, "cheguei a minha vez. Nunca me deixaria vencer por um soldado, mas você é um valente e eu me entrego." O tato e a humanidade de Batman, ajudando o Governador Arthur a lidar com os infelizes aborígenes da Tasmania, veio revelar outro aspecto do seu caráter. Em 1827, esse homem íntegro e imaginoso dirigiu



CARNEIROS DO FAMOSO CENTRO DE CRIAÇÃO DE SIR FREDERICK MCMASTER EM DALKEITH
Nova Gales do Sul

uma petição ao Governador Darling, para a fundação de uma colônia em Western Port.

“Excelência—Sabendo que é intenção de Vossa Excelência estabelecer uma colônia permanente em Western Port e facilitar às pessoas honestas os meios de lá se fixarem, pedimos vénia para solicitar de Vossa Excelência uma concessão de terras no dito lugar, em proporção aos haveres que pretendemos mandar para lá. Possuimos alguns rebanhos de carneiros de boa raça : Merinos e South Devon ; alguns espécimes de puro gado Devon, importado da Inglaterra, e alguns cavalos de ótima raça. Propômo-nos a embarcar daqui, de 1.500 a 2.000 ovelhas, 30 cabeças de gado vacum, cavalos, etc., etc., no valor de 4.000 a 5.000 libras esterlinas, devendo tudo isso ficar sob a administração pessoal do Sr. Batman, natural da Nova Gales do Sul, que fixará residência permanente em Western Port, para vigilância da fundação. Nestas condições, permitímo-nos esperar que Vossa Excelência julgará conveniente conceder-nos um trato de terra correspondente à importância em dinheiro que estamos dispostos a gastar, assim como a proporcionar o maior estímulo possível à realização do objetivo proposto.

J. T. Gellibrand
John Batman

A minuta da resposta que o Governador mandou dar a essa importante oferta diz apenas o seguinte :

“Acusando o recebimento da petição, informe-se que não houve ainda resolução definitiva sobre o estabelecimento de uma colônia em Western Port e que, assim, não está ao meu alcance satisfazer o pedido. 17 de Março de 1827—R.D.”

MacArthur havia criado aquela fome de terra. Só homens da mesma fibra e decisão poderiam satisfazê-la. Poucas vezes os membros de um Governo têm tido menos intervenção no desenvolvimento de uma nação.

Mas aqueles homens não podiam compreender um "Não" como resposta, quando a terra estava ali, para quem a quisesse. Na Inglaterra, achava-se que uma milha quadrada australiana correspondia a uma milha quadrada inglesa : era uma simples questão de matemática. Claro que aquela gente já tinha terra bastante. Que direito tinha um tal John Batman de pretender milhares de acres, quando na Inglaterra um nobre lord se contentava com algumas centenas ? Para que aumentar obrigações já bem grandes e policiar um novo distrito imenso, no qual a Inglaterra caberia varias vezes ? Enquanto os franceses não intervissem, o melhor era deixar aquelas terras para os poucos milhares de nativos. Em março de 1836, um ano depois do tratado de Batman, ao qual faremos referencia oportunamente, o Major Thomas Mitchell (depois Sir Thomas), Inspetor-Geral da Nova Gales do Sul, explorador experimentado, partiu sob os auspícios do Governo, para inspecionar o rio Darling. Depois de descobrir o Loddon e o Avoca, seduzido pela riqueza e beleza da região—e seus trabalhos provam que era um verdadeiro artista—abandonou o plano original e rumou para sudoeste.

Na volta, descobriu o Glenelg e, ao chegar à baía de Portland, verificou espantado que estava ali instalada, havia dois anos, a familia Henty. Os dois grupos se olharam desconfiados, cada um tomando o outro por um bando de forçados evadidos. O Major Mitchell contemplou com assombro as primeiras janelas de vidro que via desde que atravessara a divisa da Nova Gales do Sul. Os Hentys souberam por Mitchell que, 90 quilómetros para o norte, a região era ainda mais acolhedora e embrenharam-se pelo interior. Foram os primeiros.

Mas, antes mesmo que Mitchell acentuasse o valor daquelas terras, descobrindo as riquezas do interior, Batman não se conformara em desistir do seu plano de fundar Port Phillip. Se o Governo não queria ajudar, agiria sozinho. Animou-se ainda mais com os resultados das explorações de Sturt. A Austrália do Sul estava prestes a ser fundada, os Hentys se haviam instalado na terra prometida. Qualquer demora seria intolerável.

Batman resolveu partir para Port Phillip e entabolar suas próprias negociações com os nativos. Em Merri Creek, em 1835, assinou o seu famoso tratado com os nativos. Por esse tratado, que não foi reconhecido, Jaga Jaga e outros "por nós mesmos, nossos herdeiros e sucessores, damos, asseguramos e investimos de poderes o dito John Batman, etc., etc." Tudo muito correto, porem mais ou menos incompreensível, para Jaga Jaga e outros.

Por essa altura, entra em cena Buckley, de quem não se tinha noticias havia muito tempo e que vivera com os aborígenes, como um deles, durante trinta e

dois anos. Chegou no momento exato em que se precisava dele, para servir como intérprete. Era um homem notável pela sua estupidez e só passou à história por acaso.

Entrementes, chegava também um terceiro ator—John Pascoe Fawkner—o molecote, filho de forçado, que vinha com o grupo de Launceston, para ocupar terras, invadindo parte dos domínios de Batman. Esses homens extraordinários lutavam por um distrito que o Governo não tinha a menor intenção de fundar.

Foi afinal firmado um acordo entre Batman, Fawkner e o Governo e, a partir desse momento, a *Nova Roma* de Tuckey surgiu quasi da noite para o dia. Alem, estendiam-se as ricas pastagens da *Austrália Felix* de Mitchell. Batman morreu moço e Fawkner atingiu uma idade avançada e foi um grande dínamo de progresso, em Melbourne.

Traçado às pressas, este quadro de um confuso capítulo da história da Austrália perde muito de sua exatidão. Precisei evitar minúcias cronológicas, que são importantes. Meu único objetivo foi mostrar, em instantâneos, os empreendimentos extraordinários da iniciativa particular britânica na Austrália. Foram esses os homens que, confrontando o Governo com um fato consumado, conseguiram ajuntar novas e vastas riquezas ao Império, sem derramar uma só gota de sangue. Um empreendimento tipicamente britânico.

INCÊNDIOS NA MATA

Vitória é o menor dos Estados, mas as suas pastagens são de primeira qualidade e o seu clima menos sujeito a extremos. Entretanto, como toda a Austrália, é vítima de secas e incêndios na mata. E como são terríveis esses incêndios, propagando-se num instante, nascidos de um estalo, uma chama brusca e um rugido, que se alastram pela copa das árvores, aumentando de furor, correndo mais do que o cavalo mais veloz e devorando algum vale aprazível, onde destroem matas e lares na sua passagem. O bramido horrendo dura dias e dias, até que alguma feliz combinação de vento e chuva, com o auxílio da coragem e habilidade do sertanejo australiano, o sufoca e extingue. Os incêndios enchem o ar de uma fumaça acre, levando um calor sufocante às cidades vizinhas. Os pássaros caem estonteados na fomalha. E, no caminho trilhado pelo fogo, fica apenas uma fina poeira negra. Se continuam de pé algumas árvores gigantes, estão à mercê da brisa mais ligeira, que as derruba num sopro.

Mas a natureza, melhor do que o homem, sabe reparar o que destroe. Um ou dois dias de chuva e os brotos verdes começam a surgir do solo carbonizado. O quadro de devastação continua o mesmo, mas já contem uma promessa de vida e força. Voltam as formigas e os pássaros, o homem constroe novos lares.

Felizmente, são raros os grandes desastres como os incêndios que lavraram durante as secas de 1939 e já foram tomadas medidas para torná-los mais raros ainda.

Terão os homens que vivem hoje nesse magnífico território perdido o impulso



MARCHA DOS FANTASMAS

de seus antecessores? É uma pergunta que ocorre naturalmente. Têm mais vagar e maior segurança, mas a luta contra a terra continua a mesma. Contam com o auxílio da ciência, para resolver seus problemas, e das máquinas, para o trabalho rural, mas são os mesmos homens, em espírito e iniciativa. Os indolentes têm talvez mais oportunidades agora, mas acabam por submergir, como outrora, pois são muitas as qualidades exigidas para a vida rural da Austrália: caráter firme e habilidade para conduzir outros homens, conhecimentos de biologia, de química, de finanças e um instinto especial de previsão meteorológica. Os edificadores dessa região dançam em Melbourne, frequentam teatros e corridas, gozam de todo o conforto moderno em seus lares, mas precisam percorrer a cavalo grandes extensões e trabalhar tanto como qualquer dos homens que dirigem.

DE MELBOURNE A SYDNEY: CANBERRA

Para ir de Melbourne a Sydney, há vários caminhos a escolher. O trem é confortável e luxuoso até Albury, na divisa da Nova Gales do Sul, onde é preciso fazer baldeação, devido à bitola mais estreita, que é um vestígio da falta de cooperação entre os Estados. As embarcações interestaduais, grandes navios de 12.000 toneladas, gozam de merecida popularidade no verão. As rotas mais interessantes são, porém, as famosas estradas, Prince's Highway e Hume Highway.

A Prince's Highway corre ao longo do litoral, passando pelas cadeias de lagos que se unem ao mar, pelos pequenos povoados que se tornaram famosos como

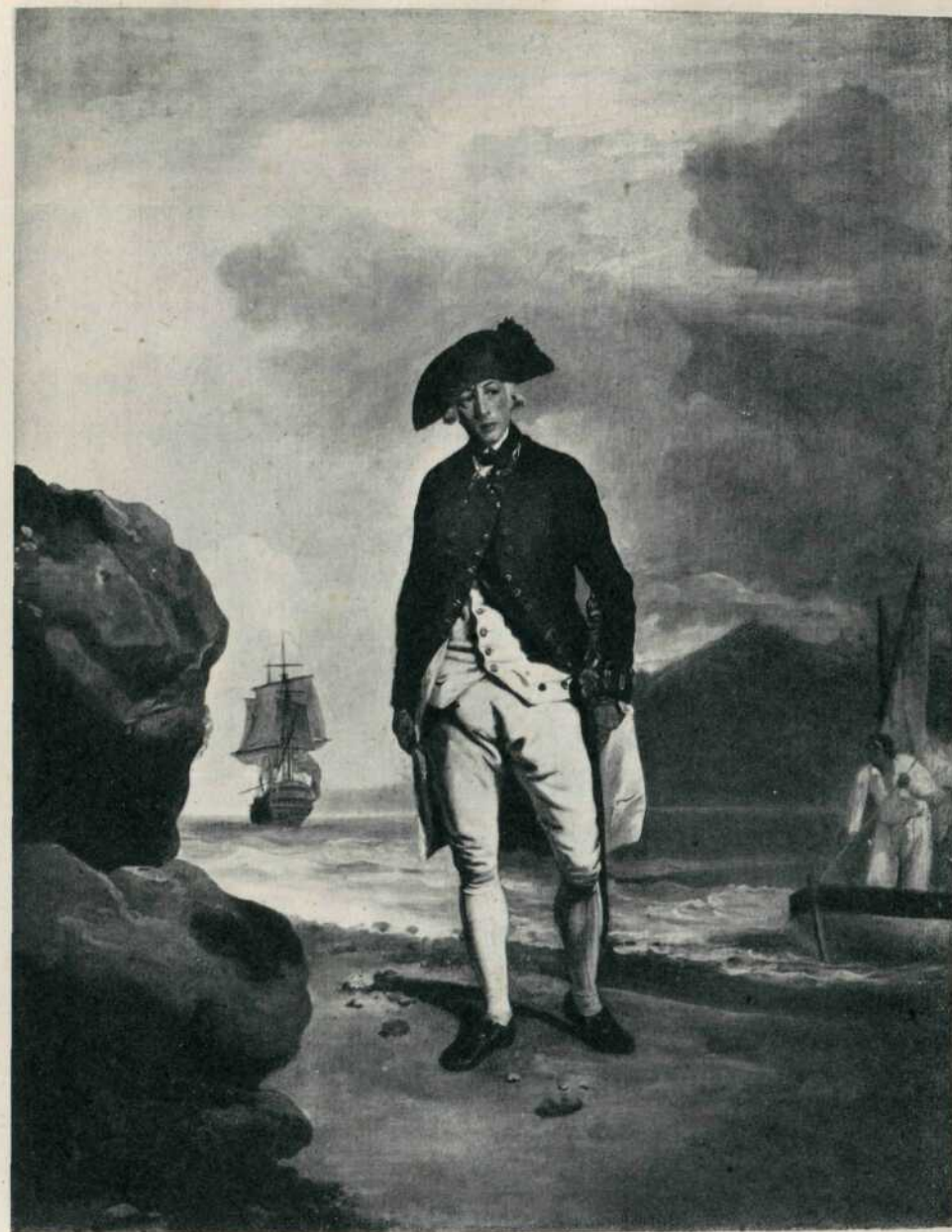


A CASA DO PARLAMENTO, EM CANBERRA
Nova Gales do Sul

centros de pesca, pelas maiores reservas de ostras de um continente onde as ostras custam uma ninharia. É um passeio memorável e é o passeio que os australianos sempre recomendam ao estrangeiro : uma excursão de quatro dias, de Amalfi a Sorrento. Entretanto, é a estrada interior—a Hume Highway—que oferece aspectos mais tipicamente australianos. Quilómetro depois de quilómetro, estende-se uma planura ondeada, coberta de uma vegetação seca e amarelecida, que produz a melhor de todas as lãs. Erguem-se do solo florestas de árvores mortas, vestígios de incêndios, queimadas, ou raios. A quilômetros de distancia, vêm-se pequenas habitações com as inevitáveis cisternas redondas, brilhando ao reflexo do sol. Não é uma paisagem sorridente ou feliz e não pode mesmo ser considerada bonita. Mas a sua beleza grandiosa não cabe em palavras. Parece uma visão de outro planeta. É na Hume Highway que o estrangeiro passará a amar ou detestar a Austrália. E, se aprender a amá-la, nenhuma outra paisagem do mundo será capaz de despertar a mesma sensação de paz interior e desprendimento, uma sensação de distancia, espaço e vigor.

Entre Melbourne e Sydney, mais próxima de Sydney, fica a capital da Federação Australiana—Canberra. Canberra é um produto artificial da discórdia entre duas cidades. Parece inacabada e é menos significativa do que o menor dos povoados que a cercam e que parecem ter brotado do próprio ambiente. Canberra só é bela, artificialmente bela, quando estão floridos os milhares de árvores e arbustos que a ornamentam, dispostos com precisão geométrica. Fica situada no mais perfeito dos cenários naturais, cerca de 600 metros acima do nível do mar, em forma de anfiteatro, no meio de um grupo de colinas. Seus edifícios têm a dignidade dos palácios de alguma imensa exposição e Canberra ainda é na verdade uma exposição, à espera do momento de fundir-se com a vida e a atmosfera da Austrália.

Muito mais interessante é o pequeno Porto Federal de Jervis Bay, relativamente insignificante, um povoado à beira-mar, com todo o encanto de uma gravura. Em Canberra, o interesse do turista se voltará para as estatísticas ; em Jervis Bay, este só pensará em repouso.



ARTHUR PHILLIP, FUNDADOR DE SYDNEY
Quadro a óleo de Francis Wheatley

NOVA GALES DO SUL

"O NOME DA ENSEADA DEVERIA SER PHILLIP"

A HISTORIA da Austrália teve inicio em Sydney e Sydney deveria chamar-se Phillip, em memória de seu fundador, uma das maiores e menos conhecidas figuras da historia britânica. Botany Bay era o destino originário daquela Primeira Esquadra. O continente da Austrália era uma quantidade desconhecida.

A única orientação de que dispunham os pioneiros eram os relatos da breve estadia de Cook e principalmente Banks, os primeiros homens que pisaram as praias orientais da Austrália. Phillip tinha pretendido viajar adiante dos transportes, para explorar e preparar o terreno, mas seu plano não vingou e ele só pôde chegar dois dias antes. As instruções que trazia exigiam urgência. Deixavam-lhe certa liberdade mas era preciso andar depressa. Tinha que tomar, em pouco tempo, uma decisão que afetaria todo o futuro da Austrália. Descrevesse ele o local como insalubre, com um índice elevado de mortalidade, e o plano seria outro fracasso, deixando a Austrália para os franceses, reduzida a uma possibilidade, dependente de algum interessante se histórico.

Foi o seguinte o simples relatório de Phillip sobre a grande decisão, num despacho enviado a Lord Sydney, datado da Baía de Sydney, 15 de maio de 1788:

"No dia 25, achando-me oitenta léguas a leste do Cabo, deixei o *Sirius* e embarquei no tender *Supply*, na esperança de que, abandonando o comboio, ganhasse tempo suficiente para percorrer a região em torno de Botany Bay e decidir-me pela situação mais favorável para a colônia, antes da chegada dos transportes.

"Os ventos de oeste que então sopravam continuaram até o dia 3 de janeiro, quando avistamos a costa de Nova Gales do Sul. Mas cessaram esses ventos, que tinham sido tão favoráveis, soprando raramente para leste; ou tomando essa direção durante poucas horas apenas. Depois que deixaram de soprar esses ventos de noroeste para sudoeste, em vigorosas rajadas, ficamos à mercê de ventos variáveis, às vezes com fortes correntes para o sul, de modo que não nos foi possível chegar a Botany Bay antes do dia 18.

"O *Alexander*, o *Scarborough* e o *Friendship* chegaram no dia seguinte e o *Sirius*, com os demais navios, um dia depois. As condições de saúde eram boas, a bordo de todos eles.

"Devido à má navegabilidade do *Supply*, eu não conseguira chegar antes dos outros, mas comecei a examinar a baía logo que ancoramos e pareceu-me que, embora ampla, não poderia proteger os navios contra os ventos de leste. Era em



CARTA ANTIGA, POR PETER GOOS
Tipo de mapa que o Capitão Cook teria usado

grande parte tão rasa que mesmo os navios de calado regular teriam que ancorar perto da barra, expostos à violência das ondas levantadas pelo vento forte de leste.

"Encontramos varias pequenas nascentes de agua doce, em diferentes pontos da baía, mas havia sempre alguma objeção muito forte a todos os locais que exploramos.

"Havia varias situações apropriadas para um número pequeno de pessoas, mas nenhuma delas parecia atender ao nosso caso e em parte alguma se encontravam facilidades para desembarcar o equipamento e as provisões, sem grande perda de tempo. Quando verifiquei como a baía era desprotegida e que os pântanos provavelmente tornariam insalubre qualquer local, julguei de bom aviso examinar Port Jackson. Mas, para não perder tempo, caso não encontrasse melhor porto e situação conveniente para a fundação, ficou resolvido que fossem desbastadas as terras próximas de Point Sutherland e feitos preparativos para o desembarque, sob a direção do Tenente-Governador.

"Como seria naturalmente muito incerto o tempo da minha ausência, se eu fosse no *Supply*, saí com três embarcações, levando em minha companhia o Capitão Hunter e vários oficiais, para que fossem examinadas conjuntamente diversas partes do porto, perdendo-se assim menos tempo.

"Entramos em Port Jackson às primeiras horas da tarde e tivemos a satisfação de encontrar o *melhor porto do mundo, capaz de abrigar mil grandes navios, na mais absoluta segurança.*

"As diversas angras foram examinadas o mais depressa possível. Resolvi-me pela que tinha a melhor nascente e na qual os navios podiam ancorar tão perto da praia que, com despesa muito pequena, seria possível construir um cais para descarga dos maiores navios.

"Essa enseada, que honrei com o nome de Sydney, mede cerca de um quarto de milha na entrada da barra e meia milha de extensão."

E aí está a participação muito sumaria de um grande feito, cuja importância nem Phillip nem Sydney viveriam para ver comprovada. A descoberta do *melhor porto do mundo, capaz de abrigar mil grandes navios, na mais absoluta segurança*, separa o empreendimento da sórdida associação com Botany Bay, que durante tanto tempo lhe daria o nome. Marca o início de uma historia gloriosa, que predomina, mesmo quando obscurecida por estupidez, cupidez e mesquinhas disputas, mesmo quando, na historia subsequente da Austrália, Botany Bay e Sydney, ou "o melhor porto do mundo," estão lutando por supremacia.

O nome da baía deveria naturalmente ter sido Phillip.

O DEGREDADO COMO ESPANTALHO

1

Um ponto que precisamos abordar aqui poderia ser chamado o espantallo do degredado. A Primeira Esquadra, com onze navios, num total de 3.892 toneladas, era uma frota de condenados com seus guardas. "Botany Bay" foi fundada para livrar a Inglaterra de seus criminosos e a Austrália só se tornou posteriormente um *Dominio* graças a um acidente, e principalmente às qualidades daqueles que se haviam tornado australianos. Quando a Austrália foi fundada, as colônias americanas tinham sido recentemente perdidas. Nem mesmo o próprio Pitt previu que a Austrália poderia compensar a perda.

Durante muito tempo a colônia foi conhecida sob o nome de Botany Bay, que sugeria imediatamente a ideia de presidio. É, porem, importante acentuar que os degredados daquele tempo não eram de modo algum todos criminosos. Muitos deles eram homens de excepcional inteligência e coragem, que tinham sido líderes de novos movimentos, como os homens da aldeia de Dorset ou Tolpuddle, que iniciaram o primeiro sindicato agrícola. Hoje, apenas cerca de 1 por cento dos australianos descendem dos degredados, e a historia da origem da nação tem um interesse puramente psicológico. A mudança da situação da colônia processou-se ao influxo dos que se vieram estabelecer livremente e encontraram na nova terra, para si e seus filhos, oportunidades que não havia na metrópole. Fawkes, de



O VALE JAMIESON, NAS MONTANHAS AZUIS
Nova Gales do Sul

Melbourne é um exemplo destacado. A experiência foi permeada de sofrimento e crueldade, pois a época era rude, mesmo na Europa, mas em essência foi um sucesso.

A gloriosa lição que dela podemos extrair, como um exemplo para o mundo moderno, é que uma nação criada sob condições de crueldade, opressão e caos pode tornar-se, num breve período, um modelo de ordem, democracia e liberdade. É essa a inspiradora mensagem da historia australiana, uma historia de sistemático progresso, sem as batalhas que deixaram cicatrizes em outras nações, por mais gloriosos que sejam os episódios isolados de suas historias. A Austrália demonstra o gênio anglo-saxão para o governo democrático.

A ANTIGA SYDNEY

Foi em Sydney que surgiu um grande homem, John MacArthur, o primeiro a introduzir os carneiros merinos na Austrália, o homem que alterou todo o sentido do continente australiano. Foi ali que ele lutou pelo poder com três governadores



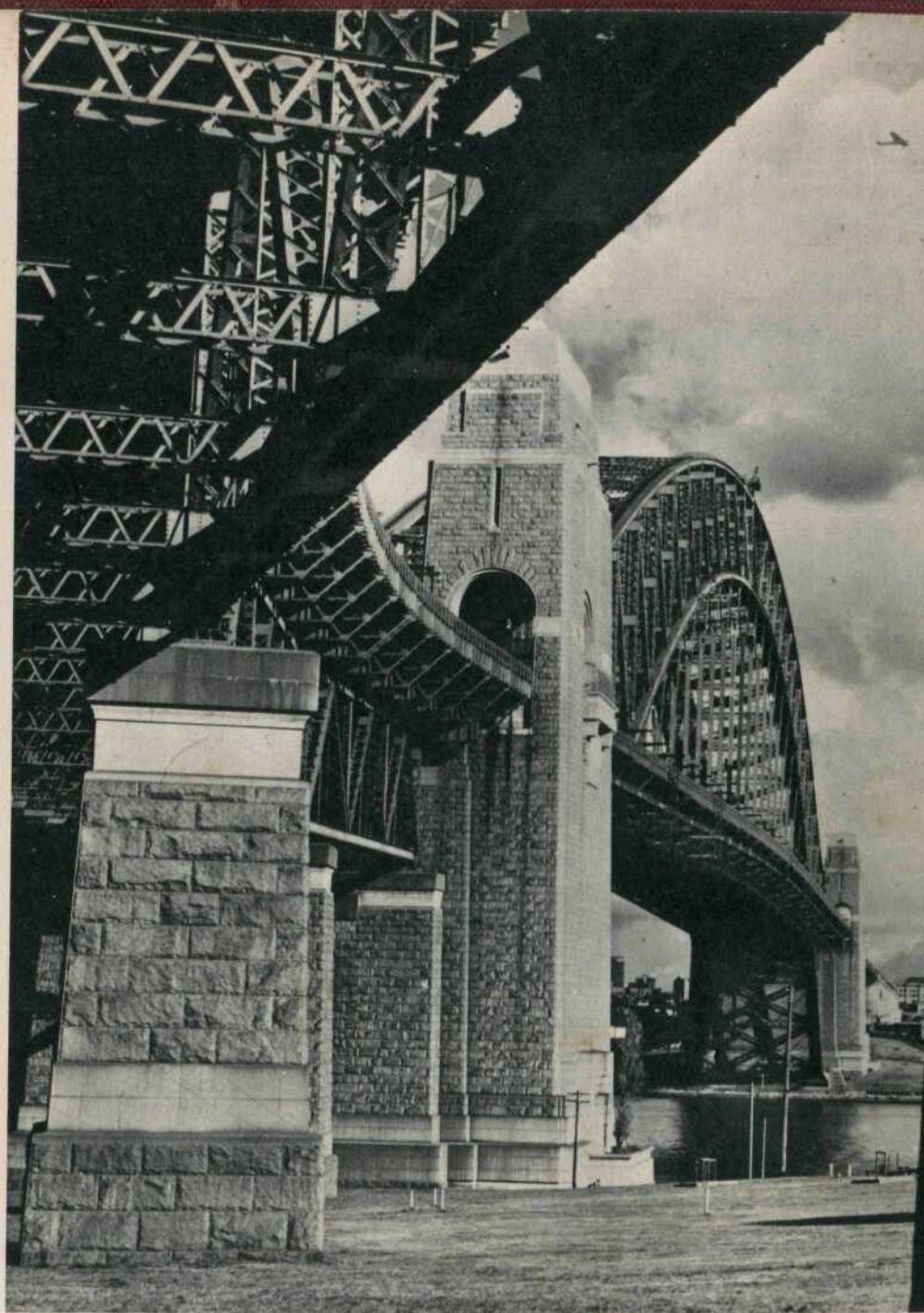
JUNTA DE BOIS ATRAVESSANDO UM RIO—NO FUNDO, O MONTE WARNING
[Costa Setentrional, Nova Gales do Sul]

e depôs o famigerado Bligh. A sua tenaz determinação de enriquecer enriqueceu a Austrália.

Sydney foi o campo da grande batalha da adolescência australiana, travada entre o partidário da emancipação e o colono livre, uma apaixonada mas incruenta guerra civil, na qual Charles Wentworth foi o primeiro australiano a erguer a voz, em nome da Austrália. Pelos nomes e edifícios que conserva, está ainda intimamente ligada ao grande Governador daquele período, Lachlan Macquarie, o déspota benevolente, que tinha uma paixão por novas construções. Durante seu governo, com a penetração das Montanhas Azuis, que vedavam a Sydney o interior, uma colónia transformou-se numa nação. Isso concorre para a fascinação que Sydney exerce sobre nós. É uma cidade que cresceu ao acaso, onde as trilhas dos carros de boi se transformaram em linhas férreas, à medida que se iam estirando em volta de um dos melhores portos do mundo.

A NOVA SYDNEY

A antiga Sydney vive ainda, como que envolta em bruma. A nova Sydney é completamente diferente, uma cidade de sol e alegria. Pelo menos é essa a primeira impressão do visitante que vai saborear um cocktail no "Austrália," jogar golf em Rose Bay, ou tomar banho de mar em Palm Beach. Trabalha-se em Sydney, como em Melbourne, mas, para o visitante—e estou escrevendo do ponto de vista do



A CÉLEBRE PONTE
Porto de Sydney

visitante—Sydney sugere um recanto aprazível da Riviera, Nice ou Miami. Não é possível escapar à impressão de que existe apenas para o prazer.

Em Sydney, a vida noturna é intensa. Seu grande hotel—o *Australia*—corresponde ao cassino das cidades balneárias. Todo mundo passa por lá, para matar o tempo, e a atmosfera é sempre de festa, uma atmosfera que Melbourne reserva para uma semana do ano. Na realidade, há muitas outras Sydneys, além da cidade antiga ou da cidade frívola. Há tantas Sydneys quantos são os recessos de sua grande baía.

É uma capital e uma aldeia de pesca, um porto de atividade febril e um lugar onde se pode flânar dias inteiros. Parece revelar-se imediatamente ao recém-chegado e no entanto continua indefinidamente a mostrar novos e imprevisíveis ângulos. É uma das mais fascinantes cidades do mundo.

Em King's Cross, há uma cidade dentro de uma cidade, coisa parecida com Montmartre, Chelsea ou Greenwich, onde se reúnem artistas, atores, pseudo-artistas e pseudo-atores, mas principalmente aves de arribação, que nada têm de extraordinário. Durante algum tempo, passam a fazer parte da vida da cidade e instalam casa num apartamento moderno, alugado por semana ou por mês, pois a vida é fácil em Sydney, onde não faltam lojas de frutas e gulodices, sempre abertas e sempre tentadoras.

Sydney está cercada por praias magníficas, onde a maioria da população adquire uma cor bronzeada. Há tubarões ao largo da costa, mas isso pouco importa. É só o recém-chegado que, depois de ver os bichos ameaçadores no aquário de Taronga Park, toma a princípio certas precauções, enquanto não conhece as estatísticas tranquilizadoras. Há correntes traiçoeiras e ondas encapeladas, mas há também um corpo de banhistas formado de perfeitos nadadores. São jovens fortes e treinados rigorosamente, sempre alertas para salvar a vida dos imprudentes. Constituem, por si mesmos, um espetáculo magnífico. A sua disciplina é perfeita.

A disciplina australiana tem sido muitas vezes posta em dúvida, mas esses homens são uma resposta viva. A sua disciplina é a do homem que se vê diante de um perigo súbito, do homem que tem de pensar e resolver por si mesmo, do pioneiro, do desbravador da selva. O australiano não aceita a disciplina pela disciplina.

Acha que ser disciplinado em combate é uma cousa e descuidar-se um pouco da continência é outra. A atividade desses homens dos postos de salvamento é uma revelação.

Como motivo de orgulho, o habitante de Sydney tem "a nossa ponte," imponente estrutura de aço que se arqueia sobre o porto. Não há dúvida que é uma maravilha, como obra de engenharia; não há dúvida que é essencial à rapidez e conforto do tráfego; mas nada acrescenta à beleza do "melhor porto do mundo" e de certo modo a prejudica. Só à noite, quando se transforma num arco luminoso, parece realmente fazer parte de Sydney.

Como as outras cidades, Sydney tem magníficos passeios a pequena distância: Taronga Park, Koala Park e Pennant Hills, bem como uma vasta extensão de selva domesticada—o Parque Nacional. Mais para o sul, no desfiladeiro de Bulli, que



NAS MONTANHAS AZUIS
Nova Gales do Sul

é chamado com justiça o Ponto Sublime, descortina-se um espetáculo de praias orladas de espuma branca, que chega a fazer perder o fôlego.

A principal excursão é às Montanhas Azuis, a barreira que aprisionou a pequena colônia durante tantos anos. Hoje, uma caudal de automóveis e ônibus desfila pela rota dos pioneiros—Wentworth, Blaxland e Lawson, "que mudaram a feição da colônia, fazendo de um pedaço de terra isolado um rico e vasto continente." De Katoomba, é grandioso o espetáculo do vale Jameson, lá em baixo—uma escarpa descendo a pique para um recôncavo de árvores e avencas e, do outro lado, outro despenhadeiro e montanhas em constante mutação de cores, desde o azul escuro até o cinzento. Quando o vale se enche de neblina, as árvores submergem num lago fantástico, de profundidade desconhecida, que parece alimentado pelas cascatas que deslisam as longo dos penedos. A vista muda a cada passo, ora serena, ora teatral. E, além das Montanhas Azuis, ficam as férteis planícies de Bathurst, com os seus povoados e fazendas que alimentam as cidades.



CRIANÇAS ABORÍGENES BRINCANDO EM VOLTA DE UM ABRIGO IMPROVISADO COM A CASCA DE UMA ÁRVORE, Queensland

QUEENSLAND

BRISBANE: ENTRADA DOS TRÓPICOS

CADA uma das capitais australianas difere enormemente das outras, em atmosfera e aspecto—e é isso que faz o encanto de uma viagem pelo país—mas Brisbane é a mais diferente de todas. Como Perth, está isolada dos outros Estados e preserva uma atmosfera do tempo dos pioneiros. Sente-se lá uma cor mais viva e uma humidade mais intensa, anunciando a proximidade dos trópicos. Vamos encontrar outra vez o centro solene e a cidade do século XX, mas os arredores são mais pitorescos para o europeu, com as suas casas, em grande parte **construídas** de madeira, no alto de estacas. E as ruas são um jardim florido, lembrando as cores da paleta de um Renoir. A **area** da cidade é imensa, enrolando-se no S formado pelo rio Brisbane e gradualmente sumindo numa região quasi selvagem.

Distinguindo-se da população dos demais pontos do litoral, a de Brisbane lembra-se de que vive num clima quente e usa roupas leves e *semi-tropicais*. Não há a menor pretensão de imitar Londres. Fisicamente também, os homens pas-



ABORÍGENE FISCANDO PEIXE
Queensland do Norte

saram por uma transformação. São altos, magros, elásticos e bronzeados. Em vez de **amolecê-los**, o calor parece haver-lhes dado uma vida mais **intensa**. Brisbane é mais enérgica do que Sydney. Como em Perth, as suas fronteiras mergulham na selva tropical, onde o aborígene é ainda selvagem, e os seus centros de criação de gado se estendem por milhares de quilómetros quadrados, por regiões onde o homem vive em solidão e perigo.

Limitei-me a falar nas cidades, onde vive a massa da população, mas é a solidão que justifica e mantém vivas essas cidades. Ao contrario do que acontece no resto do mundo, o avião e o rádio só trouxeram **benefícios** e corresponderam às aspirações dos seus inventores.

Escorrega um machado e fere um **lenhador**: faz-se um chamado urgente pelo rádio e logo se põe a caminho um "médico aéreo." Salva-se assim uma vida preciosa que, ainda ontem, se teria esvaído em sangue. Os serviços do "médico aéreo" estão desbravando o interior, tornando-o habitável por mulheres e crianças.

A vida ainda é árdua, mas a segurança já é bem maior. A aliança entre a medicina e a aviação está desempenhando papel importante na solução do problema de povoamento da Austrália. Por uma vez, a ciência moderna não foi mal aplicada.

Brisbane e seus arredores são apenas um fragmento de Queensland, potencialmente o mais rico dos Estados, mas esse fragmento é uma amostra do todo. Há

ali fazendas onde se cultivam espécies variadas de frutas tropicais, mamões, bananas, abacaxis, abacates e mangas. E nem todas são uma dádiva da natureza. Quando Phillip desembarcou com o seu pequeno grupo, a Austrália não produzia bastante para salvá-los da fome e, por duas vezes, o atraso dos transportes da metrópole quasi resultou no aniquilamento completo da expedição.

Os aborígenes se alimentavam de carne de canguru, larvas e cobras. Desconheciam por completo a lavoura ou a criação de gado e não há uma só das riquezas das Ilhas dos Mares do Sul que lá não seja devida ao trabalho do homem. Tudo—as ovelhas, as vacas, as maçãs, pêras e bananas, o açúcar, o trigo e o milho—tudo foi levado pelo colonizador e desenvolvido por ele. O clima presta-se à produção de tudo, a terra não tinha nada.

Mas nem sempre foi tão criteriosa a escolha das cousas importadas. O coelho, que é famoso na Austrália, é um exemplo típico. Importado originalmente para servir de alimento, ou talvez como recordação nostálgica da terra natal, acabou por infestar o país.

O condenado de outros tempos não passa hoje de uma recordação, mas o coelho é uma ameaça, provocando erosão e roubando aos rebanhos a pastagem de que tanto precisam. Também a raposa tem prejudicado a fauna nativa, destruindo os pássaros mais lindos e matando o ursinho koala. Como do ponto de vista social, também na agricultura a Austrália começou com uma folha em branco.

TASMANIA

DEIXEI a Tasmania para o fim da minha viagem: geograficamente, pertence a Melbourne, que foi fundada pelos mesmos colonizadores. Está separada de Melbourne por uma tumultuosa massa d'água—o estreito de Bass—e, graças ao avião, passou a ser uma excursão acessível.

A Tasmania progride num ritmo próprio, indiferente ao modernismo de Melbourne ou de Sydney. Sobreviveu à Austrália de ontem e está intimamente ligada à terra antiga.

Mesmo nos distritos povoados, tem uma serenidade e um aconchego que não se encontram no continente. Os colonos ingleses plantaram árvores europeias, que disputam a paisagem à árvore da goma, e as macieiras em flor sugerem uma paisagem tipicamente inglesa. Também as igrejinhas, pontilhando o campo, têm o mesmo ar evocativo. Uma carruagem que passasse sacolejando pela estrada não pareceria um anacronismo. Entretanto, esse campo tranquilo já foi cenário de acontecimentos tumultuosos e o primitivo colono tinha que cultivar a terra com a espingarda ao lado, para proteger-se contra os bandoleiros que ameaçavam a segurança geral. A Tasmania era uma colônia correccional dentro de uma colônia correccional e continuou a sê-lo, mesmo depois das outras colônias se haverem revoltado com êxito. Hoje, a selva já se fechou sobre as ruínas daqueles tempos cruéis, apagando-lhes a lembrança.

Port Arthur, antiga cidade do sistema correccional, é hoje uma aldeia abandonada, centro de atração para o turista e o historiador.

Faz bem apreciar, no mais pacífico dos lugares da terra, aquela criação da tirania invadida pela vegetação, as celas com os varões partidos e a calça que se esboroa deixando entrar em ondas a luz do sol.

Hobart, a capital, está situada no sopé do Monte Wellington, num porto mais belo ainda do que Sydney. Tem uma semelhança íntima com as pequenas cidades inglesas que são sede de catedrais. Launceston, ao sul, é uma cidade rural. Ambas têm uma atmosfera pacata de outros tempos, que só desaparece à noite, quando o gaz neon lhes dá um ar de falsa alegria. Não há vida noturna por trás das luzes. Sob essa atmosfera de outros tempos, ocultam-se, porem, riquezas comerciais, como as indústrias de lã, zinco e outras.

A Tasmania agrada ao turista e “Tassy,” como é afetuosamente chamada, é um centro de atração para a gente do continente. O turista estrangeiro ha de aprender um dia o caminho da Tasmania. Há peixe em abundância nos Grandes Lagos e as condições naturais são as mesmas que tornaram a Nova Zelândia e a Escócia o paraíso dos que se dedicam ao esporte da pesca.

Também o clima é mais temperado, embora o sol da Tasmania tenha um brilho indescritível.



A CACHOEIRA RUSSELL, NO PARQUE NACIONAL
Tasmania

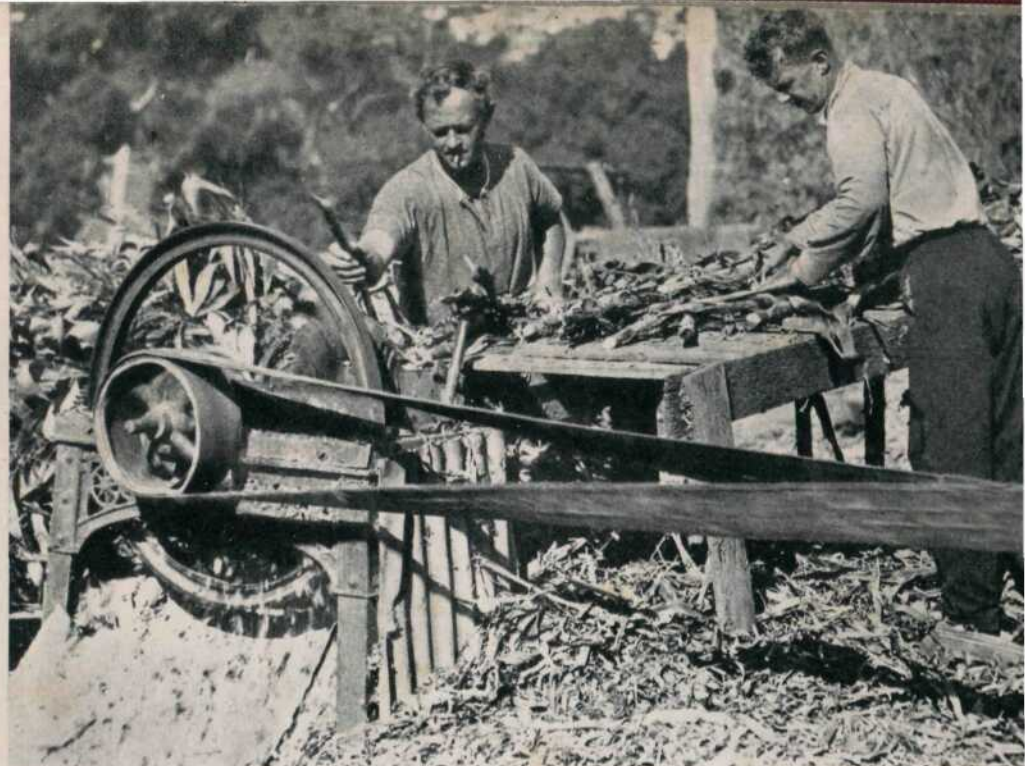
A CONSTITUIÇÃO POLÍTICA

A AUSTRÁLIA consiste de seis Estados, cada um deles com um Parlamento dividido em duas Câmaras. Os Governadores desses Estados costumavam ser mandados da Inglaterra, como representantes do Rei. Assim, os Parlamentos estaduais obedeciam aos moldes do Parlamento britânico e o Governador de cada Estado tinha a desempenhar o mesmo papel do Rei, na Grã-Bretanha. Em 1º de janeiro de 1901, os Estados—que até então eram colônias independentes umas das outras—uniram-se e formaram a federação da Austrália, com um Governador-Geral e um parlamento federal, constante de duas Câmaras—um Senado e uma Câmara de Deputados. O Poder Legislativo cabe, portanto, ao Rei, representado pelo Governador-Geral, ao Senado e à Câmara dos Deputados. O Senado reconhece a igualdade dos Estados e cada um deles tem seis representantes, seja qual for a sua população. Na Câmara, os representantes são eleitos em proporção aos habitantes dos respectivos Estados. Os corpos legislativos estaduais exercem poderes que não constam da Constituição como federais. Controlam as terras e obras públicas, a justiça (excetuadas as questões federais), o comércio inter-estadual, as estradas de ferro, a educação, etc.

Os australianos souberam resolver com habilidade os problemas da administração dos nativos e pertencem ao passado os métodos de repressão brutal que tanto fizeram sofrer as tribus nativas, nos primeiros tempos da colonização. Os modernos métodos australianos estão na vanguarda das administrações inteligentes. Quando houve distúrbios no Território do Norte, por exemplo, foi mandado um dos maiores antropólogos australianos para morar no distrito, conviver com os nativos e conquistar-lhes a amizade e a confiança. Alcançou pleno êxito na sua missão e o novo sistema administrativo, baseado parcialmente em velhos costumes das tribus, está em funcionamento, para satisfação geral.

A Comunidade Australiana, como os outros grandes Domínios da Comunidade das Nações Britânicas, é um Estado soberano e independente, com plena autonomia de governo: nomeia seus próprios representantes no estrangeiro e administra o seu mandato na Nova Guiné. Essa independência, que já é efetiva há muitos anos, foi estabelecida por lei, depois da guerra de 1914-1918, nos termos do famoso Estatuto de Westminster, que tornou constitucional a independência dos Domínios.

A Austrália goza, pois, de inteira liberdade para lutar ao lado da Inglaterra ou manter-se neutra, bem como para designar seus representantes no exterior. O laço existente entre a Comunidade Australiana e a Grã-Bretanha, ou qualquer dos Domínios, é, portanto, quase inteiramente sentimental e baseado na tradição. É verdade que o Governador-Geral e os Governadores dos Estados são nomeados pelo Governo Britânico e que o Rei e o seu representante têm o direito de veto, podendo haver apelação, para o Conselho Privado, das decisões da Alta Corte, e dependendo os parlamentos australianos de poderes da Coroa para anexar territórios. Mas, apesar dessas restrições, o laço que realmente une a Austrália à Grã-Bretanha é um laço de sentimento e tradição e a lealdade a um Rei comum.



PREPARAÇÃO DE FORRAGEM NUMA FAZENDA
Nova Gales do Sul

De 98 a 99% da população da Austrália é britânica, mas isso não diminui, de modo algum, o sentimento de independência. E é significativo que, tanto em 1914, como em 1939, o Governo australiano, com o apoio de toda a população, imediatamente e sem hesitar, declarasse guerra à Alemanha.

A VIDA SOCIAL E AS ARTES

A MAIOR parte dos escritores que tomam a Austrália como tema batem sempre na tecla da vida difícil no país imenso, deixando de lado a vida que de fato vive a vasta maioria dos australianos e criando uma impressão totalmente errônea. Há ainda pioneiros na Austrália, mas de um modo geral o país já saiu da fase das bandeiras e deve ser encarado sob o mesmo ângulo que a Inglaterra ou os Estados Unidos, por exemplo. A Austrália é uma terra de surpresas e a maior de todas essas surpresas, para quem tenha lido a grande quantidade de livros negativos que existem, é o alto grau de conforto que se encontra em todos os distritos povoados. As casas das pessoas bem instaladas na vida são mais modernas do que as da maioria dos países europeus e o trabalhador goza de um nível de vida proporcionalmente mais elevado. Os jardins, quer os grandes quer os pequenos, são objeto de cuidados especiais e a disposição das flores, na maioria das casas, revela um senso

artístico extraordinário. As flores, aliás, representam um papel importante na vida australiana. Há cortiços que não se justificam, em algumas cidades australianas, mas ninguém passa fome, no sentido europeu da palavra. Há naturalmente homens ricos na Austrália, mas não se encontram os grandes extremos dos Estados Unidos. O trabalhador, como indivíduo, tem voz ativa nos negócios da Austrália, sem que para isso sejam adotadas as doutrinas do socialismo marxista. Não é fácil dominar as massas, num país de pioneiros. O operário tem salários garantidos, graduados de acordo com a sua posição e periodicamente revistos por uma Junta de Conciliação e Arbitramento.

Socialmente, a Austrália é mais democrática ainda. Não existem títulos hereditários e há um mínimo de preconceitos sociais. É preciso que cada homem prove o seu próprio valor e a qualidade mais apreciada é a da boa camaradagem. Há países que se orgulham de suas conquistas democráticas. A Austrália acha a sua democracia a coisa mais natural do mundo. O australiano não conhece a polidez servil. E excepcionalmente amável, porque é excepcionalmente bom. Se alguém está carregando uma mala sem sacrifício, ele não dá um passo. Se nota, porém, que o peso é excessivo, é o primeiro a prontificar-se a ajudar. Sua atitude para com o visitante é extremamente agradável, porque é uma atitude de interesse. Tem uma excelente qualidade, que é saber ouvir o que os outros têm a dizer. Só é arrogante quando desafiado, arrogante em legítima defesa.

Os hotéis das grandes capitais são como os hotéis do mundo inteiro. É nos hotéis menores e nas pensões que se pode formar uma ideia mais exata da vida australiana. A matéria prima da comida é boa e variada—isto é, varia entre carne de vaca, peru, carneiro e porco, mas a cozinha revela pouca imaginação. O chá é a bebida universal. O interior das casas é um pouco abafado, em consequência do clima, mas os australianos passam grande parte do tempo nas varandas que cercam as residências. No verão, vive-se sobretudo ao ar livre, em acampamentos improvisados, e há muito pouco isolamento. Os criados são poucos, mas alegres e prestativos. Na Austrália é que se compreende como estamos habituados a um excesso de serviço inútil.

O australiano tem muito tempo para si mesmo. Como o aproveita? Em grande parte, praticando esportes.

O australiano é um desportista nato e, na Austrália, o esporte está ao alcance de todos. O bom tempo representa para ele maior número de horas de *tennis*, *golf* e *cricket*. O *cricket* tem uma importância enorme e os grandes jogadores gozam da maior popularidade. O australiano tem ao seu alcance todos os esportes aquáticos: nada, veleja pelas enseadas, pesca no mar e nos rios e toma-se ao sol, na areia quente. Montar a cavalo é mais do que um esporte: é uma necessidade. Nas montanhas de Vitória, da Nova Gales do Sul e da Tasmânia, há pequenos chalés para a prática dos esportes de inverno, a um preço inconcebível na Europa. Diz-se que o australiano cultiva o corpo em detrimento do cérebro. Em parte, isso não deixa de ser verdade. Mentalmente, inclina-se para a indolência e para uma tolerância fácil, que poderia deixá-lo à mercê de algum aventureiro político. Entretanto, seria capaz de reagir violentamente, se a sua liberdade sofresse alguma



SKI NAS MONTANHAS AZUIS, EM KOSCIUSCO
Nova Gales do Sul

restrição acentuada. O que predomina na Austrália é um grande bom senso e uma atitude de reação a qualquer extremo. Se examinarmos de perto a história social da Austrália, verificaremos que o bom senso nacional vai aos poucos encontrando solução para todos os problemas do país.

A imprensa australiana sustenta comparações favoráveis com qualquer imprensa do mundo e os acontecimentos artísticos ocupam mais espaço nos jornais do que na maioria dos outros países. As críticas aos artistas nacionais tendem às vezes a ser um pouco provincianas, mas isso comparativamente falando. A mais australiana das vozes é o *Sydney Bulletin*, jornal que contribuiu muito para dar expressão ao australiano e para fazê-lo conhecer-se a si mesmo. As suas colunas estão abertas tanto ao sertanejo, como ao cidadão. Sua orientação é de um **australianismo** definido e apresenta um quadro perfeito do país—o que se percebe melhor do que nunca quando se está longe da Austrália, vendo-a em perspectiva.

A literatura australiana, que bem merece um estudo aprofundado, está ainda num período de formação. Como em todas as comunidades jovens, a criação tomou o rumo da poesia e da pintura. O maior romance australiano é ainda o de Marcus Clarke—“*For the Term of His Natural Life*”—embora trate dos mais horríveis aspectos da vida dos presidiários. É um grande romance, porque é muito mais vasto do que o pavoroso tema que aborda e porque Clarke sente e sabe transmitir a atmosfera do cenário australiano. Os poetas da Austrália, como os seus pintores, têm sabido exprimir esse cenário, que tem sido a determinante da vida artística do continente.

Na pintura, a Austrália atingiu definitivamente a maturidade, produzindo mestres de um novo impressionismo, como Streeton e Gruner ; pintores acadêmicos, no melhor sentido da palavra, como Heysen ; e artistas como Margaret Preston, que encontra nas flores do país excelentes motivos para sua arte decorativa. O jornalismo australiano produziu desenhistas como Phil May, Will Dyson, Norman Lindsay, Low e outros. Pintores como John Moore, artista de sensibilidade aguda, Daryl Lindsay e outros, desenhistas como Lionel Lindsay e Sydney Ure Smith colocam o movimento artístico da Austrália numa posição destacada.

CONCLUSÃO

INQUEBRANTÁVEL NO PERIGO

MEU único objetivo, nesta sôfrega viagem pela orla povoada do vasto continente australiano, foi provar, além de qualquer dúvida, que vale a pena visitar e estudar esse país—rico em belezas naturais, rico em vitalidade, e no limiar de grandes realizações sociais e artísticas.

Intelectualmente, a vida na Austrália é das mais estimulantes. A sua distancia da Europa, que durante tanto tempo foi considerada uma infelicidade, deu-lhe perspectiva e independência de ideias. É nisso que reside a maior das maravilhas da Austrália.

Enche-me de admiração a atitude sem vacilações adotada pela Austrália, diante da segunda guerra mundial. Outros, mais próximos, hesitaram. A distancia, o sol e a vida alegre das praias não fizeram esmorecer o australiano. Não foi qualquer sentimento de gratidão que o impeliu : foi um idealismo tão elevado que não encontra expressão em palavras. Os laços de sangue tiveram sua influencia, mas o que predominou foi uma percepção plena do sentido da democracia livre. Não é cousa que se discuta ou pondere na Austrália. Já faz parte da vida de todos os dias.

"E longe no futuro (bem a vejo, nascida de dias como estes)

Ergue-se uma Austrália invencível, senhora de todos os seus mares ;

Com monumentos levantados nas colinas, bem no alto, onde seus filhos apontarão com orgulho

Para os nomes dos mais bravos mortos da Austrália, esculpidos sob as palavras 'Aqui morreram'."

Assim escreveu Henry Lawson, muitos anos antes da guerra de 1914.

O solo australiano ainda não foi devastado pela guerra, mas, citando John Masefield, "aqueles maravilhosos jovens . . . flor da coragem deste mundo . . . morreram como viveram, sem reconhecer senhores na terra," em Galípoli, na Flandres, na Palestina e na França.

Mais uma vez responderam ao apelo, mais uma vez o inimigo esperava que falhassem. Só os homens livres podem compreender esse laço misterioso, aparentemente tão frágil na paz, inquebrantável no perigo.